

Belbellita

A borboleta gauchesca



Lucas Visentini
Ilustrações por Alana Garlet

Visentini, Lucas

**Belbellita [livro eletrônico] : a borboleta gauchesca / Lucas Visentini ;
ilustração Alana Garlet. -- 1. ed. -- Santa Maria, RS : Ed. do Autor, 2023.**

PDF - ISBN 978-65-00-83031-6

1. Contos - Literatura infantojuvenil

2. Crônicas - Literatura infantojuvenil

3. Lendas - Literatura infantojuvenil

I. Garlet, Alana. II. Título.

23-176345

CDD-028.5

História por

Lucas Visentini

Projeto gráfico, ilustração e diagramação

Alana Garlet Barbieri

Gestão de projeto

Roberto Gerhardt

Apoio Cultural

MUST University

ISBN: 978-65-00-83031-6



Agradecimentos

À **MUST University**.

À família **Carbonari**, especialmente à
Giulianna Carbonari Meneghello.

Apoio cultural da **MUST University**



Belbellita

A borboleta gauchesca

Lucas Visentini

Epígrafe

Um floreio sobrevoado

Flores dançando floradas
dançam, pois no céu batem asas
falo das borboletas floreadas
que com suas cores variadas
das azuis, verdes e amareladas
possuem paixão e são amadas
mesmo que assim tão caladas...

encantam os arredores
borboletas nos vales por aí
que vejo de tantos amores
este lhes conto porque vi

pelos campos gaúchos afora
das flores desta bela flora...
borboleteiam sem direção
por dentro dos verdes vivos...
e dos sopés altivos
borboletas belas, sem exceção!

Carlos Azzolin B.
Poeta

Prólogo

Seria possível uma borboleta falar? E escrever? E, além disso, compartilhar conosco as suas aventuras pelos céus azuis deste nosso Rio Grande do Sul? Em Belbellita, a borboleta gauchesca, as possibilidades da imaginação e do sonho ganham asas e, quase sem percebermos, somos levados a experimentar as peraltices de Belbellita Floreio, borboletinha gaúcha que chama atenção pela originalidade e profundidade de seu ser.

As narrativas de Bel (como ela prefere ser chamada) estão organizadas em quatro partes, a seguir brevemente apresentadas, ao totalizar trinta singulares encontros que nos fazem viajar nas asas coloridas de uma borboleta que, com muitos outros personagens igualmente interessantes, desbrava os céus gaúchos sob uma perspectiva única, de ser colorido e volitante que é.

Na Parte 1 (Das profundezas e das alturas), somos introduzidos ao mundo fantástico de Belbellita, a borboleta gauchesca, cuja visão celeste nos faz refletir sobre as coisas vistas lá de cima. A sua família-borboleta, o seu cotidiano, as suas aventuras e travessuras são narradas pela tihosa Bel com a delicadeza própria de um ser alado.

Na Parte 2 (Das estações), a senhorita-borboleta Bel Floreio desbrava cada uma das estações do ano, ao destacar, com sua escrita encantadora, as experiências "farfalantes" que cada estação pode proporcionar. Vivências únicas, meticulosamente descritas pelo olhar sensível de borboleta pampeana que sente o que há de melhor do verão, outono, inverno e primavera. Na parte 3 (Do Continente de São Pedro), Bel homenageia o nosso pago em comum: o Rio Grande do Sul. Por meio de lendas e diversas histórias e causos, a nossa gauchinha alada relata mistérios, aventuras e momentos vividos nestes pampas, ao trazer elementos regionais aos encontros e bate-papos (bate-asas) com os seus leitores.

Por fim, a Parte 4 (Da Boca do Monte), é o resultado da viagem de Belbellita ao coração do Rio Grande do Sul, Santa Maria... da Boca do Monte! Nessa aventura inesquecível, a nossa borboletinha arteira narra as vicissitudes de sua jornada pelos céus da cidade juntamente com a sua prima-borboleta Imemboleta, cujo nome não é por acaso parecido com o da lendária Imembuí, personagem arquetípica de Santa Maria.

Por fim, as peripécias da gauchinha Bel nos remetem não somente aos céus do Rio Grande do Sul, como era de se esperar de um ser alado como uma borboleta, mas à terra, às águas e às alturas e profundezas do mais íntimo de nossos seres (alados ou não). Apesar de não termos coloridas asas como as dessa excepcional guria-borboleta, poderemos nos deleitar com a possibilidade de voarmos alto com a nossa imaginação. Com linguagem particular, própria do gentílico do Continente de São Pedro, a nossa personagem nos encanta e fascina com a sua amorosidade de borboleta gauchesca, ao fazer com que nos identifiquemos imediatamente com sua identidade de borboleta pampeana que é. Desfrutemos, pois, da companhia de Belbellita Floreio, a qual fascina todos aqueles que a leem voitando pelos céus azuis deste nosso querido Rio Grande do Sul, terra de estória(s), história(s), memória(s) e sonho(s).

Prefácio

O texto “Belbellita: a borboleta gauchesca” é de uma sensibilidade impressionante, e vem ao encontro do mundo criativo das crianças. Destaque-se o jeito carinhoso com que o autor narra as etapas da historinha, despedindo-se a cada final de capítulo, criando uma expectativa muito grande nos leitores que anseiam pela chegada da próxima etapa, quando o autor saúda os leitores e realiza uma nova narrativa.

É tão significativa a intimidade da Belbellita com os leitores que ela acaba tomando uma forma humana, ou seja, o autor consegue transformar Belbellita (e também as demais personagens) em seres humanos atuantes e, por assim dizer, ficam companheiras dos leitores. Destaque-se também a motivação com que o autor dá com relação aos contos e lendas do folclore gaúcho, e também do município de Santa Maria, com textos enxutos, bem elaborados e vibrantes, recontados de um jeito todo especial.

Muito interessante e divertido também é o linguajar que o autor utiliza com criatividade, ao referir-se a um certo vocabulário “borboletês”, como, entre outros: “linguajar farfalante”; “abraços farfalantes”; “encontro volitante”; “da sempre esvoaçante Bel-Boleta”; “farfalo aqui, farfalo acolá”; “de sua amiga mais borboletante”; “abraços com asas solares”; “um lanchinho com as flores primaverais mais açucaradas e apetitosas”; “abraços de asas borboletantes em formato de lua”; “abraços de asas de borboleta” etc.

Mário Quintana, nosso inesquecível poeta gaúcho, ensinou-nos que “escrever para crianças deve ser tão natural como quando uma criança vira uma cambota”. Nesta historinha, Lucas Visentini faz com que as ações ocorram de um jeito leve, cativante e repleto de emoções do início ao fim. É como se tomássemos a forma de uma borboleta e voássemos pelos céus do Rio Grande do Sul, na companhia de Belbellita, descobrindo o que de mais lindo e sublime existe no solo gaúcho e, principalmente, em Santa Maria, o que vem ao encontro do que disse o grande poeta Carlos Drummond de Andrade: “A natureza não faz milagres, faz revelações”.

Que estes voos que Lucas Visentini nos proporciona através das asas da borboleta Belbellita sirvam como aprendizado constante e lições de vida; cada leitor, inspirado nas reflexões de Belbellita, escolherá o rumo a tomar, pois como salientou a consagrada poeta e escritora Cecília Meirelles: “Liberdade de voar num horizonte qualquer, liberdade de pousar onde o coração quiser”.

Auri Antônio Sudati

Apresentação

Em *Belbellita: a borboleta gauchesca*, já a partir do título Visentini utiliza criativamente a imaginação e leva o leitor a voar longe. Em aparente fantasiar, enquanto faz o narrador transmitir delicadas lições de moral, ensina a “voar”, isto é, a viver, a andar... pelos céus, terra e mar e, com isso, vai entregando sua visão de mundo. Para tanto, vale-se da personagem principal, uma borboleta que, qual educadora multidisciplinar, tem muito a ensinar aos humanos. Com boa organização didática, faz uma verdadeira “contação de histórias”, de forma sequencial, desfilando ante o leitor-ouvinte causos, contos, lendas...

O narrador vale-se de boa dose de diálogos, que, pedagogicamente conduzidos, integram aspectos formativos e informativos. Emprega figuras de linguagem: comparação (vida/tempo, meses/anos), paralelismo (brincando com matemática, mexe com números e/ou distâncias, que equivalem a nomes de pessoas, identificam os anos). Ao passear pela gramática, utiliza diminutivos, coletivos – emprega uma linguagem carinhosa própria ao convívio familiar da criança. Na redação do texto emprega repetições, relativamente bem dosadas e insere termos provenientes de outros idiomas – espanhol, italiano, tupi-guarani... e até do “borboletês” – facilmente reconhecíveis: *Belbellita*, *Nonnilda*, *cayura*, *Imemboleta*...

A temática, focada no Rio Grande do Sul, aborda aspectos: a) da história, do folclore e de costumes de diversas regiões dos pampas ou pagos gaúchos; b) da geografia, topografia e hidrografia do Estado; c) relativos a tempo, espaço e cores: estações do ano, clima, ano/meses; terra, mar e ar (céus: sol, lua); d) sobre a natureza e a biologia: vegetais, flores e cores e a animais: insetos, peixes, formigas, tigres; e) sociais: família, fraternidade, união, vida doméstica (doces, pães,ucas, bolachas...).

Visentini está de parabéns.

Sua obra, *Belbellita: a borboleta gauchesca*, vem enriquecer a literatura gaúcha e brasileira.

Irmã Ida Tereza Ceron (in memoriam)
Profa. Dra., escritora e tradutora.

Belbellita

A borboleta gauchesca

Lucas Visentini



A Lawvers

Sumário

Parte I – Das Profundezas e das Alturas	15
Parte II – Das Estações	43
Parte III – Do Continente de São Pedro	57
Parte IV – Da Boca do Monte	75

Das' profundezas
e das' alturas



Bem, eu não sei muito bem como começar essa conversa, então vou fazer como costume ouvir as pessoas falarem: muito prazer! Meu nome é Belbellita, mas gosto que me chamem de Bel. "Bel", porque é assim também que começa a palavrinha "bela", que significa "bonita".

E assim sou eu, muito linda e colorida. Não, não! Deixem-me explicar melhor: não é por que visto roupas coloridas ou por usar maquiagem no rosto, mas é que eu sou uma borboleta.

Sim, uma borboleta de longas asas multicoloridas e aveludadas.



Eu sei que não é muito comum ler o que uma borboleta pensa e sente, mas quero contar um pouco para vocês como é ser uma borboleta e poder voar para cá e para lá durante o dia todo. Há histórias de insetos voadores e a descrição de suas aventuras pelos ares, mas não me lembro de ter ouvido falar em uma borboleta que narra as suas façanhas (e suas artes!). Sim, quero que as pessoas saibam como é bom poder ver tudo lá de cima, poder voar e serpentear os mais lindos céus azuis gaúchos. É claro que eu não posso falar, pois nem mesmo voz eu tenho. Mas quero contar um pequeno segredo para vocês: há alguém que lê o zigue-zague que o bater de minhas asas escreve nos ares. É como um código, que somente quem entende essa linguagem pode decifrar. Vocês podem até duvidar, mas as borboletas são seres repletos de segredos e mistérios. E eu, ao bater as minhas asas, quero revelar vários deles a vocês. Vocês juram que podem guardar segredos? Sim? Ótimo!!! Hoje, como é a primeira vez que nos encontramos, quero contar um pouquinho mais sobre a minha família (família-borboleta).

Tudo começou quando meus pais, Senhor Borbolino Floreio e Senhora Florência Floreio, casaram-se. Logo depois minha mãe engravidou e eles tiveram vários filhos, em várias ninhadas diferentes – não quero assustar vocês, mas tenho mais de cem irmãs e irmãos-borboleta!



Imaginem a bagunça que todos nós fazemos quando nos juntamos... E lá se vai um tempão desde que isso aconteceu. Não que eu seja muito velha – as minhas asas jovens e radiantes podem comprovar isso –, mas já tenho um mês de idade! E isso, para uma borboleta, é mmmuuuuitttooo tempo de vida! Podem ter certeza disso!!! Os meus irmãos-borboleta mais velhos têm, aproximadamente, dois meses de idade e meus pais têm mais de três meses de vida (já estão bbbeemmm velhinhos)! Há muitos anos um cientista disse que o tempo é relativo, e isso deve ser mesmo verdade, pois vocês, com três meses de idade, ainda eram bebezinhos de colo, não é mesmo? Enquanto que as borboletas com essa idade já são adultas!!! Que maluquice!!!



Em relação a mim, quero dizer que nasci no dia 21 de margarida de 3966, em um dia muito ensolarado de céu azul e profundo. Sei que vocês devem estar estranhando a data, é que no mundo das borboletas nós contamos os meses e os anos de forma diferente, pois os meses são os nomes das nossas flores preferidas: cravo, gerânio, margarida, girassol, jasmim, hortênsia, lírio, orquídea, rosa, tulipa, violeta e flor-de-lis. Os anos são contados a partir do momento em que surgiu voando pelos céus a primeira borboleta multicolorida, assim como eu. Mas não, ainda não contei uma parte muito importante dos primeiros dias da minha vida... Querem saber? De verdade? Perfeito, então! Na próxima vez que nos encontrarmos eu juro que explico tudinho para vocês, está bem?

Beijos borboletantes da sua nova amiguinha:

Belbellita Floreio, ou melhor, Bel. ♡

Olá, amiguinhos! É claro que vocês se lembram de mim, não é? E como esquecer da borboleta mais linda e colorida dos céus gaúchos? A qual, além de ter as asas mais sedosas e encantadoras da redondeza e quadradeza, ainda escreve nos ares com o seu voar as aventuras mais incríveis que uma borboleta pode ter? Sim, eis-me aqui, Bel, para continuar o que estávamos conversando na última vez que nos encontramos.

Eu estava contando que tenho um mês de idade e que nasci no dia 21 de margarida de 3966, pois contamos o tempo diferentemente de vocês. Expliquei como era a minha família-borboleta, que meus pais se chamavam Borbolino Floreio e Florência Floreio e que eu tenho cento e dez irmãs e irmãos-borboleta! Eles devem estar agora voando em algum jardim, procurando flores para "beijar", para coletar o seu néctar. Provavelmente, se vocês prestarem atenção, verão alguns deles por aí...

Não parece, é claro, mas eu já sou uma borboleta adolescente (quase adulta). É que sou muito jovial e adoro brincar por entre as plantas, ao flutuar pelos ares cheirando uma flor aqui e outra acolá. Minha mãe, Florência, sempre me diz que eu preciso tomar juízo e pensar no futuro... Então eu paro e penso: "Mas em apenas dois ou três meses eu já vou ser uma borboleta velhiinhaaa!!!". Portanto, eu não perco tempo e aproveito ao máximo todas as aventuras que o mundo pode me proporcionar.

Enfim... Com uma família-borboleta tão numerosa, não é estranho que haja algumas confusões entre nós, não é? Um dia eu vou revelar tudo o que os meus irmãos-borboleta aprontam lá em casa! Bem, quero contar como cheguei a ser quem sou. Não se enganem, não foi nada fácil!



Vou explicar tudinho agora, está bem? Segurem-se!!!
Contei que a minha mãe-borboleta ficou grávida de mim, mas não disse que ela colocou vários ovinhos diversas vezes em diversas folhas de laranjeira. Sim, eu e meus irmãozinhos lá ficamos por vários dias até nos tornarmos pequenas lagartinhas. Ah, mas não se assustem, meus anjos, não fazemos nada de mal se nos deixarem quietinhos em nosso canto, ou melhor, em nossas folhas, as quais comemos para nos alimentar, para crescer e passar para a próxima fase do nosso desenvolvimento.

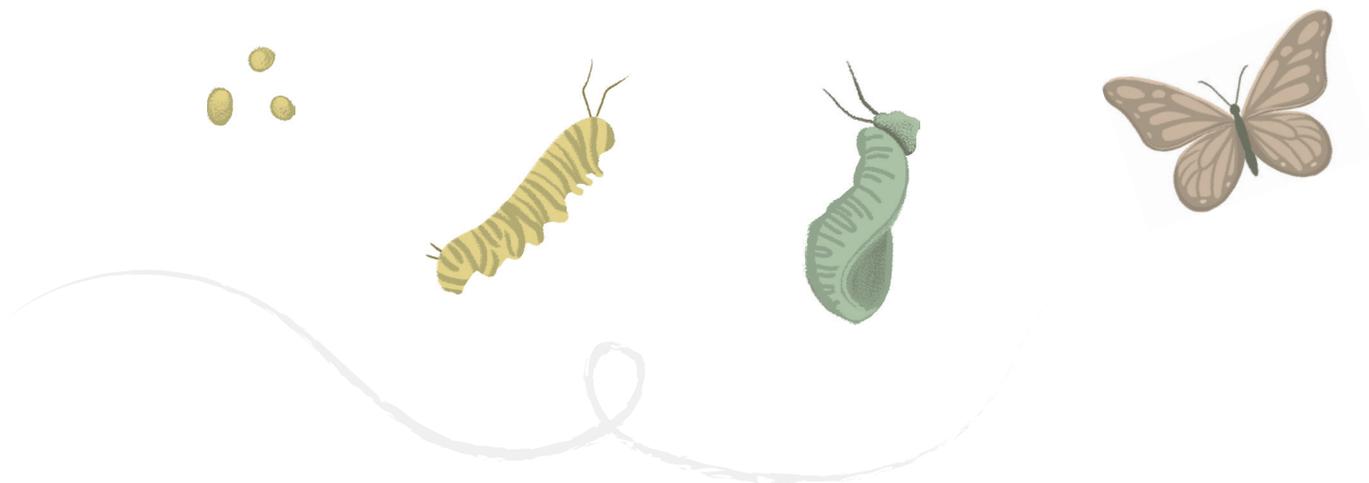


Depois de ser ovo e larva – uma lagartinha –, escondemo-nos em uma pupa, que é um casulo, pois, nesse momento, ficamos muito envergonhados porque os outros insetos não gostam de dividir as saborosas folhas das plantinhas conosco. Parecíamos até pintinhos dentro dos ovos das galinhas: ninguém podia nos ver lá dentro. No inverno isso é maravilhoso, pois não sentimos frio, é como se nos cobríssemos com um cobertor bbbeeemmm quentinho!!!

Por fim, depois de sairmos do nosso casulo quentinho, podemos bater as nossas asas maravilhosas pelos ares dos nossos céus, e essa última fase é chamada de imago. Uuufffaaa! Até perdi o fôlego agora... Quem disse que se transformar em borboleta é fácil? Olhem só por tudo o que temos que passar: ovo, larva (lagarta), pupa (casulo) e imago. Nem acredito que cheguei até aqui, galerinha! Quem pensava que ser borboleta era só voar, enganou-se totalmente!

Bem, por hoje é só, gurizada! Foi muito bom poder (far)falar novamente com vocês. Quero marcar outro encontro com vocês neste mesmo local, está bem? Vou contar um pouquinho mais sobre essa verdadeira jornada que é se transformar em borboleta... Abraços carinhosos com as asas mais coloridas e sedosas do Rio Grande do Sul!

Da sua amiga de asas, Bel. ♡



Olá, galerinha! Estou aqui novamente para continuarmos o nosso bate-papo sobre como ser uma borboleta. É claaaro que eu não tenho papo, tampouco vocês (a não ser que quem esteja lendo o que eu acabo de escrever seja um sapo, pois eles sim têm papo). Mas vocês não são sapos, não é? Ufa! Eu sabia que não!!!

No nosso último encontro, eu contei para vocês a difícil jornada pela qual nós, as borboletas, precisamos passar para nos transformarmos nesses seres encantadores que vocês veem voar pelos ares por aí. Eu, Bel (vocês se lembram por que eu gosto de ser chamada assim, não é?), disse que precisamos passar pelos estágios de ovo, larva (lagarta), pupa (casulo) e imago para ser o que somos. E o que somos? Eu diria: "um milagre da natureza". Sim... Deixem-me explicar melhor: é como se, para chegar a algum lugar, vocês tivessem que andar de bicicleta, pegar um ônibus, viajar de submarino e, por fim, andar de avião. Uma viagem e tanto para se chegar a um destino, não é? Quem disse que seria fácil? E há quem pense que ser borboleta é só bater asas e voar... Mas se enganam totalmente!!!

Logo depois que eu passei pela fase de imago, pude enfim bater as minhas sedosas asas e sair por aí costurando os céus com voos serpenteantes, ao tecer pelos ares as mais ziguezagueantes acrobacias que uma borboleta pode fazer. Ah, se vocês soubessem como é bom voar! É como andar de avião (não que eu saiba como é, porque eu nunca precisei viajar de avião), mas imagino que a sensação seja a mesma, porém sem as piruetas acrobáticas que nós, seres borboletantes, podemos fazer nos ares...

A aventura pela qual precisamos passar até nos tornarmos borboletas não é fácil, mas a vista aqui de cima compensa!!! Podemos ver as formiguinhas em fila indiana a cruzarem os campos carregando seu alimento ao ninho; os cavalos a galopar pelos pampas gaúchos com suas crinas esvoaçantes; os peixes – das mais variadas cores e tamanhos – a nadarem sem rumo em rios, lagos e mares, mordendo as iscas de anzóis; e, é claro, as pessoas caminhando de um lado para outro, indo para não-se-sabe-onde. Pensando bem, às vezes as pessoas também parecem formiguinhas quando as vemos enquanto voamos bem alto nos céus.

Certa vez, um dos meus cento e dez irmãos-borboleta (eu disse que a minha Família borboleta é bbbbeemmm numerosa!) me contou que estava voando nas alturas à procura de uma flor bem docinha para beijar – coletar o néctar – quando, de repente, viu que uma fila de formigas estava indo em direção ao seu canteiro de flores preferido, o que fez com ele ficasse apavorado, pois pensou que elas iriam cortar todas as florezinhas para levar para o formigueiro.

Ao voar mais baixo, percebeu que não eram formigas, mas sim, uma fila de pessoas que estava indo em direção àquele imenso jardim. Confundir pessoas com formigas? Que loucura! Quando ele contou a história para mim e para os nossos irmãos-borboleta, demos muitas risadas juntos! Batemos nossas azinhas velosamente!

Bem, amiguinhos, para finalizarmos o nosso bate-papo (bate-asas) de hoje, quero dizer a vocês que voar é maravilhoso e é a expressão máxima do mundo: é a natureza se desprendendo de si mesma! E bater as asas borboletantes de borboleta é desafiar o espaço em voos rasantes que deixam qualquer avião louco de inveja por não conseguir fazer o mesmo.

Adorei estar com vocês!

Doces beijos da sua amiga-borboleta Belbellita, ou melhor, Bel. ♡



Hoje eu, Belbellita Floreio, quero narrar, amiguinhos, como é voar e poder ver o mundo daqui de cima. Apesar que, pensando bem, aqui nas alturas também é mundo!!! Aliás, quem sabe me dizer qual é a altura dos céus? O céu vai até que altura? Quero poder compartilhar com vocês um pouquinho das minhas experiências de borboleta borboletante que sou. Que somos... Já que ninguém me respondeu qual é a altura dos céus, vou contar para vocês que já tentei medir isso com o bater de minhas asas. Certa vez estava entediada e resolvi descobrir por mim mesma a distância do canteiro de flores onde moro até as alturas celestes.

Foram 967 vezes que as minhas lindas e delicadas asinhas sedosas bateram até o máximo que consegui chegar lá em cima. Podem ter certeza de que essa aventura foi uma odisséia para mim! Posso contar um segredo para vocês? Quanto mais alto voamos, mais azul enxergamos!!! Confesso que fiquei muuuito cansada com essa viagem pelos ares, mas pelo menos descobri algo que estava me deixando curiosa há muito tempo! Agora sei que a distância é de 967 batidas de asas de Bel até as alturas dos céus. É claro que, se uma borboleta gigante de asas enormes fizer o mesmo, vai precisar bater menos vezes as asas até chegar lá. Eu e as minhas peripécias borboletantes...

Ai, ai, ai... Ainda sinto um pouco de dor em meu corpinho invertebrado por causa das 967 "asadas" até o mais alto da abóbada celeste. Eu e a minha certeza de que os números nunca são por acaso. Não que eu entenda muito sobre matemática, mas sinto como se os números nos abraçassem, como se não pudéssemos fugir deles, afinal de contas, eles estão por toda parte! Em um dos nossos próximos encontros eu explico melhor a relação borboleta-números, está bem?



Mas não vou ficar me lamentando por causa das minhas dores, pois eu me pareceria com a minha bisavó–borboleta Margarilda, que vive se queixando de dores aqui e acolá. Mas é claro que eu a entendo, afinal, ela já é beeeem velhinha! Imaginem só: semana que vem ela completa quatro meses de idade! Nenhuma borboleta que eu conheço viveu tanto! É que, como eu já contei para vocês em um dos nossos encontros anteriores, com três meses nós, borboletas, já somos quase velhinhas! Enfim...

Bem, apesar de cansada, pelo menos pude matar a minha curiosidade e ver as coisas lá embaixo sob um ângulo que eu nunca havia visto antes. A altura revela que mesmo as coisas mais gigantescas podem se tornar pequeninas quando vistas bem, bem, bem lá de cima. Só agora eu percebi que eu poderia ter convidado um dos meus cento e dez irmãos–borboleta para ter me acompanhado nessa aventura. Pelo menos assim nós poderíamos ter viajado pelos céus conversando (farfalando), o que faz a viagem ficar muito mais divertida.

E chegou a hora de nos despedirmos mais uma vez, amiguinhos. Sim, sim, eu também queria que o nosso bate–papo (e bate–asas) não estivesse acabando, mas é que tenho um compromisso muito sério em um jardim perto de onde moro e já estou atrasadíssima, pois me empolguei contando as minhas peripécias borboletantes para vocês e perdi a hora!

Foi muito divertido estar aqui com vocês. Encontraremos–nos por aí, está bem?
Um abraço de asas de borboleta da sua amiga B. Floreio. ♡



E aí, galerinha? Tudo bem com vocês? Hoje, em mais um de nossos encontros, quero contar um segredo para vocês. Bem, não é um segredo daqueles arrepiantes, que fazem com que a gente arregale os olhos de espanto, medo ou surpresa. Na verdade, basta ler atentamente as entrelinhas para que se possa descobrir os mistérios da natureza... Que são muitos, que são infinitos...

Eu, Bel, já havia dito uma vez que, com o bater de minhas asas borboletantes de ser alado que sou, ao voar pelos nossos céus azuis gauchescos, deixava um rastro por onde passava, que poderia ser lido por aqueles que soubessem interpretá-lo. Não é que seja um segredo, mas somente aqueles que têm o coração puro podem reconhecer os enigmas que a natureza insiste em nos apresentar. Mistérios... Revelações... Certa vez, em um dia muito ensolarado, daqueles em que dá vontade de nós sairmos por aí querendo abraçar o mundo com as nossas asas (eu, com asas; vocês, com braços, é claro!), decidi escrever nos céus um verso de minha própria autoria. Aa, Bb, Cc... Quem disse que borboleta não pode ser também poeta? Bem, deixem-me traduzir para o português o que eu escrevi no límpido céu naquele dia encantado em borboletês. Era mais ou menos assim:

*Sou Bel, a borboleta: voando, serpenteio os céus sem nenhuma tristeza
No meu zigue-zague pelos ares subo e desço, voo solta pela natureza
Sou livre, quero conquistar o mundo aqui de cima e aí de baixo
Quem é que disse que eu não consigo voar até o espaço?*

Não é preciso falar a língua das borboletas (borboletês) para ler o que escrevemos com o zigue-zague de nossas asas, amiguinhos, basta apenas ter bondade no coração e prestar atenção em nossos movimentos curvilíneos que fazemos pelos céus gaúchos. E, ao nos ler, vocês podem compreender muitas coisas do mundo das borboletas, que é o mundo de todos nós, não é mesmo? Somos de espécies diferentes, mas pertencemos ao mesmo mundo. E conhecer alguém diferente de nós é também uma forma de nós nos conhecermos melhor!!!

Agora lembrei que a minha avó-borboleta, mãe-borboleta de meu pai-borboleta, era poeta, ou seja, escrevia poemas lindíssimos com suas acetinadas e macias asas pelos ares. Chamava-se Nonnilda Floreio, usava óculos e sabia como preparar quitutes maravilhosos com o néctar retirado das mais lindas e deliciosas flores do jardim onde morava, aqui pertinho do nosso lar.



Lembro-me que ela fazia pães de rosa, doces de girassol, bolachas de margarida, cucas de violeta, biscoitos de jasmim e bolos de orquídea. Muito do que escrevo é inspirado nela – ela me ensinou tanto! Ah, por que asa de vó-borboleta é sempre maior e mais macia? E o que ela escrevia era tão belo que até mesmo as nuvens muitas vezes paravam seu percurso pelos céus para apreciarem um pouquinho de sua arte...



Bem, gurizada, agora vocês já sabem que o voo de uma borboleta nunca é somente o bater de asas sem sentido: é poema em movimento, é escrita nas alturas! Assim, da próxima vez que vocês virem uma de nós por aí, abram seus coraçõezinhos e tentem ler o zigue-zague que fazemos quando costuramos os céus com nossa delicadeza poética de seres borboletantes que somos.

Encontraremos-nos em breve, meus anjinhos sem asas!
Até a próxima! Abraços alados, Bel F. ♡

Toc! Toc! Toc! É claro que vocês não precisam fazer a famosa pergunta “Quem é?”, pois já sabem que quem está querendo entrar e conversar com vocês é a borboleta mais encantadora desses pampas: eu, Bel Floreio em pessoa, digo, em borboleta, digo... Ai, sei lá o que dizer! Vocês já descobriram que sou eu que estou aqui para podermos bater papo (e asas) juntos, não é? Pois bem... E aí vamos nós!

Na última vez que nos encontramos eu contei para vocês um pouquinho de um dom que eu tenho: escrever nos ares com as minhas graciosas asas os versos mais encantadores que uma borboleta pode narrar. Falei também que a minha avó-borboleta, Nonnilda Floreio, era uma grande poeta das alturas, vocês se lembram? Mas não é qualquer um que pode ler o que nós escrevemos ao serpentear os céus...

Certa noite desta semana, estávamos lá em casa todos reunidos (eu, meu pai-borboleta, minha mãe-borboleta e meus cento e dez irmãos-borboleta) para jantar algumas delícias preparadas com as flores mais fresquinhas de nosso jardim, quando me lembrei de uma curiosidade que meu irmão-borboleta número 48 me contou certa vez. Ele havia me dito que o coletivo de borboleta é “panapaná”. Dei muita risada quando ele falou esse nome tão estranho, e até pensei que ele estivesse brincando comigo.

Porém, ao perguntar para os meus pais o significado dessa palavrinha, descobri que era mesmo verdade o que o danadinho havia falado: “panapaná” é como é chamado um aglomerado de borboletas! Aproveitei a oportunidade e gritei bem alto para toda a família-borboleta, logo antes de o jantar ser servido:

– Atenção, panapaná! Venham todos comer logo, senão a comida vai esfriar!

Cri...

Cri...

Cri...

Por um segundo todos ficaram em absoluto silêncio e se entreolharam para ter a certeza de que todos haviam compreendido o mesmo. Assim que uma de minhas irmãs-borboleta começou a gargalhar estridentemente, todos os outros compreenderam o significado da palavrinha desconhecida que havia sido dita e caíram também na gargalhada. De tanto rirmos juntos, houve um tremendo farfalar de asas e pétalas de flores revoando pela sala de jantar lá de casa! Ah, se não fosse minha querida mãe-borboleta, Dona Floreio, controlar a bagunça, teria sido bem difícil jantar naquela noite.

É claro que, depois do jantar, quando todos já estavam mais calmos de tanto rir, meu irmão e eu explicamos que “panapaná” é o coletivo de borboleta, e tal palavra tem origem na língua tupi, própria de um povo nativo do Brasil. E quem pensa que eu não entendo de matemática, português e geografia só porque eu farfalo aqui e acolá com as asas mais lindas da redondeza e quadradeza, enganou-se totalmente.

Continuei contando a todos que havia um país distante que se chamava Panamá, e que, pela semelhança com “panapaná”, deveria ser um lugar reee-pleee-tooo de borboletas incrivelmente lindas. Imaginem só... Lá deve ser o paraíso das borboletas!!! Mas me digam: quem de vocês já conhecia o significado de “panapaná”? Enfim... Essa foi mais uma palavrinha bem útil para ser usada aqui em casa, não concordam, galerinha? Afinal de contas, não é toda família-borboleta que pode dizer que tem mais de cem integrantes assim como a minha!!!

Até logo-logo-logo, amiguinhos!
Da sempre esvoaçante, Bel-Boleta! ♡



Em nosso último encontro, meus queridos, eu contei para vocês uma história que aconteceu conosco lá em casa certa noite, quando descobrimos juntos o significado de "panapaná". Vocês ainda se lembram o que isso significa, não é? Isso mesmo: "panapaná" é o coletivo de borboleta. Gurizada, eu me inspirei com a situação e resolvi escrever um poema sobre a palavrinha nova que nós aprendemos. Deem uma olhadinha e me digam o que vocês acham, está bem?

*Farfalo aqui, farfalo acolá
Com minhas lindas asas pelos ares a voar
Mas percebo que não há como se enganar
Há muitas de mim: há panapaná*

Espero que tenham gostado do poeminha, amigos. Eu o fiz correndo, digo, voando, como costumo "escrever" as minhas ideias e histórias pelos ares. Bem, hoje quero conversar com vocês sobre o fato de nós, borboletas, sermos muito unidas e fraternais. Estive pensando nos últimos dias sobre a importância da amizade no nosso dia a dia e percebi como é bom estarmos cercados por pessoas (e borboletas, é claro! Por que não?) que nos respeitam e nos amam.

Lembrei-me de uma história que li nos céus gaúchos em um dia muito lindo e azul. Uma borboleta desconhecida desenhou nos ares uma lenda muito conhecida entre nós, seres alados: há uma terra na qual todas as aves, insetos e demais animais que voam possuem apenas uma das asas. Sim, isso mesmo! Apenas uma asa, nada mais! Somente se dois animaizinhos alados se abraçarem eles conseguirão alçar voo... Assim, com um par de asas, todos poderão voar pelos céus se estiverem abraçados com os seus semelhantes.



Eu gosto muito dessa historinha, meninada, porque de vez em quando eu me sinto uma borboleta de uma asa só. Sim, às vezes eu penso que eu tenho apenas uma asa e que preciso de um abraço amigo para poder voar. Quando nos abraçamos, alçamos voos muito mais altos!

E como é bom voar abraçadinho! Ah, eu e essa minha necessidade de abraçar... Mas é isso mesmo: abraço é necessidade básica! Vivemos muito mais felizes quando abraçamos. É que, às vezes, tudo o que precisamos é de uma asa amiga que nos aconchegue. Pois agora eu fiquei pensando... "abraço" vem de "braço", não é? Sim, é claro, afinal de contas, para se abraçarem as pessoas pre-ci-sam usar os braços. Tudo bem. Entendi.

Mas em relação às borboletas, as quais possuem asas, como é que nós poderíamos nos expressar? "Asar"? Mmm... Mmm... Não, não... apesar de não termos braços, é melhor dizermos "abraçar", assim como vocês. Eu e as minhas ideias malucas... É como diz minha irmã-borboleta número 27: "Ai, Bel, tu tens cada uma!". Mas o que eu posso fazer, se a minha imaginação não tem limites???

Agora vou alçar voo e zanzar pelos céus, pois estou morreeendo de fome, amiguinhos! Vou procurar uma flor bem gostosa e docinha para beijar, para coletar o seu néctar. Vou me asar, digo, abraçar em um dos meus irmãos-borboleta que estão aqui por perto, juntar as nossas asinhas e sair galopando céus afora...

Ai, como é bom ser livre! Poder voar bem abraçadinho com quem se ama.
E amar não tem limite, nem mesmo a linha do horizonte!
Beijos açucarados e floridos da amiga de hoje e sempre, Belbellita. ♡



No nosso último bate-papo (bate-asas?), gurizada, eu falei um pouquinho sobre a importância do abraço em nossas vidas, vocês se lembram? Eu contei que, apesar de eu não ter braços como vocês, eu também abraçava, mas no meu caso é com as minhas asas de borboleta mesmo!

Asas, aliás, que são muito admiradas pela sua beleza no jardim onde eu moro. Não é qualquer borboleta cujas asas são tão, tão, tão sedosas e aveludadas como as minhas. E multicoloridas, é claro!!! Como vocês devem perceber, eu sou muito vaidosa... E um pouquinho convencida, eu confesso! [Risos de borboleta!].

Por falar nisso, quero contar para vocês algo sobre as minhas irmãs e irmãos-borboleta. É claro que eu não vou poder falar sobre todos, pois são cento e dez ao total. Imaginem como é difícil para os meus pais-borboleta dar presentes para toda essa galerinha no Natal! E se lembrar do dia exato do aniversário de cada um? Foram tantas ninhadas de borboletas! Não deve ser nada fácil, já que eles não têm boa memória! Precisam anotar tudinho em uma agenda para não esquecer...



Bem, como eu estava falando no início do nosso bate-papo, eu tenho irmãos-borboleta de todos os tamanhos e cores, e nenhum deles é igualzinho ao outro, o que é in-crí-vel!

Por exemplo, a minha irmã número 27 é bem pequenina (afinal de contas, ela tem apenas três dias de idade!) e suas asas são das cores laranja e preta, ao formar um desenho que se parece com a pelagem dos tigres. Assim que ela nasceu e nós vimos as suas asinhas lindas, logo demos um apelido a ela: tigresa. Feliz, tigresa logo espreguiçou suas asas e saiu pelos ares voitando à procura de uma flor bem docinha para beijar, para saborear o doce néctar primaveril.

O meu irmão número 48 tem as asas levemente triangulares, de cor preta e branca. Quando ele sai por aí voando, ao serpentear os céus dos pampas, parece que estamos assistindo a um filme em preto e branco! Ah, parece até uma viagem no tempo... É tão lindo!



A minha irmã número 54 é toda branquinha, até parece que está com as suas asinhas cobertas de neve. A número 71 é também todinha de uma cor só: azul. Além disso, ela tem um tom metálico que eu acho lindíssimo, encantador, único! O meu irmão 80 é da cor amarelo-ouro, resplandece contra o sol quando volita pelos ares! Farfaloso, digo, fabuloso!

O 104 é cinza e, por isso, consegue se camuflar como ninguém por entre as macegas. Não dá para brincar de se esconder com ele, porque ele sempre se camufla de um jeito que nenhum dos meus irmãos-borboleta consegue encontrar! Ah, como eu gosto de me divertir com eles! Brincar é ser feliz – e nenhuma criança (ou borboleta) que não brinca pode ser feliz...

Em relação a mim, Bel, vocês já sabem como sou, não é? Tenho as asas sedosas, aveludadas e multicoloridas, ou seja, de várias cores diferentes, como amarelo, azul, preto, violeta, anil, branco, laranja, rosa, verde, vermelho e cinza. Como eu amo as cores do arco-íris! Desculpem-me por não ter descrito toodos os meus irmãos-borboleta, mas vocês compreendem que seria bem difícil, ou pelo menos levaria muuuito tempo até eu dizer como cada um dos 110 é, não é mesmo?

*Bem, gurizadinha, o nosso bate-papo de hoje termina por aqui.
Um bater de asas especial em homenagem a todos vocês!
Da sua B. F. (podem ler também como Best Friend!) ♡*



Eu havia contado para vocês, no nosso último encontro farfalante, um pouquinho mais sobre os seus cento e dez irmãos e irmãs-borboleta, descrevendo as cores, as formas e as texturas de alguns deles. Também disse como eu, Bel Floreio (sua Best Friend), sou, com minhas asas multicoloridas e esvoaçantes. E hoje, 12 de violeta de 3967, vamos charlar um pouquinho mais, para a minha imensa alegria!!!

Asas, asas, asas! O que nós seríamos sem elas? Eu jamais conseguiria voitar pelos ares e vocês não poderiam imaginar as coisas mais incríveis, sem que o pensamento criasse asas e voasse alto, longe, profundo... Não é mesmo?

Por falar nisso, quero contar para vocês que certa vez o meu irmão-borboleta número 25 (ele tem e-nor-mes asas douradas como o Sol!) foi visitar a nossa tia-borboleta Giardina em um jardim bem distante, quando aconteceu algo totalmente inesperado. Como era uma viagem muuuito longa, o meu irmão resolveu viajar ainda de noite, para poder chegar na casa da titia logo de manhã cedo. Jantamos juntos deliciosas flores docíssimas, ele espreguiçou suas lindas asas, me deu um abraço e, logo depois, voou pelos céus em direção à casa da nossa querida tia-borboleta. Até aí tudo bem, não é, gurizada? Quem nunca viajou sozinho? É claro que é mais perigoso, mas é só tomarmos cuidado para que nada de ruim aconteça. A nossa mãe-borboleta sempre disse para nós voarmos com cuidado, para não falarmos com estranhos e para nos mantermos afastados dos jardins com abelhas malvadas. E foi o que o meu mano-borboleta fez: como sempre, obedeceu a nossa mãezinha-borboleta.



Porém, como o meu irmão-borboleta tem asas gigantescas, eu acho que ele exagerou na força e acabou voando alto demais. Por quê? Porque, em vez de ele chegar na casa da nossa tia, vocês sabem até onde ele voou? Vocês não vão acreditar!!! Na Lua! Sim, isso mesmo! Ele voou tão, tão, tão alto que chegou à Lua! Se não fosse ele que tivesse me contado, eu não teria acreditado... Pois quando ele se deu conta, percebeu que aquela luz toda não era apenas mais uma lâmpada de um poste nas ruas, como há aqui perto do nosso jardim.

Ele teve certeza de que estava indo em direção à Lua quando olhou para baixo e viu o nosso planeta lá atrás, todo azulzinho, como as asas de um de nossos irmãos-borboleta. Ele já estava acostumado a serpentear os céus, voando para cá e para lá, mas nunca tão alto assim! Imaginem só: até a Lua! Que aventura! Mas é óbvio que ele aproveitou a vista maravilhosa lá de cima para flutuar pelo espaço e poder ver os jardins e flores mais lindos de todo o planeta!!! E desfrutar de um passeio único pelos céus da Lua, é claro!

Ele nos contou que lá na Lua não há jardins como os nossos daqui, aliás, não há animais nem mesmo plantinhas. Imaginem ficar em um lugar sem nenhuma florzinha para poder se alimentar... Eu não ficaria muito tempo por lá, afinal de contas eu sou um pouquinho gulosa, aaammoo ficar beijando flores docinhas o tempo todo. Eu já contei para vocês as guloseimas irresistíveis que a minha mãe e avó-borboleta fazem para nós lá em casa com as flores do nosso canteiro.

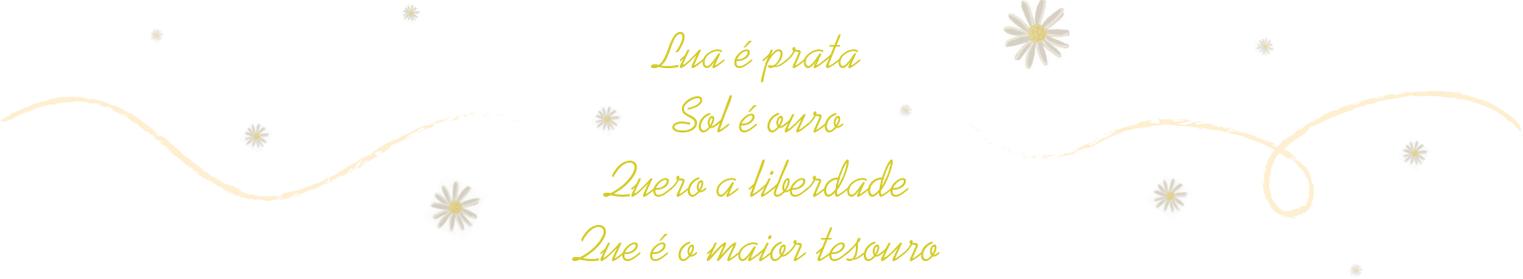
Bem, gurizada, agora fiquei pensando se a Lua, vista de pertinho, é parecida com um queijo, como é quando olhamos para ela aqui de baixo. Será que ela tem todos aqueles furinhos como os queijos que vocês comem? Pois eu já sei... Vou voando para casa perguntar para o meu irmãoborboleta agora mesmo! No nosso próximo encontro, eu contarei para vocês o que ele me disse, está bem? Prometem que vocês vão me encontrar neste mesmo lugar? Sim? Eeebbbaa!!!

Com sentimentos puros e açucarados
como o mel das mais doces flores...
Beijos! 💕

Olá, gauchinhos! Como eu havia prometido para vocês no nosso último encontro, eu perguntei ao meu irmão-borboleta número 25, que voou até a Lua, se ela é realmente feita de queijo, como parece ser para quem a olha aqui da Terra. Ele me disse que a Lua é muito parecida sim, mas que, quando vista de perto, lembra mais uma bola de futebol do que um queijo.

– Mas os buraquinhos que há no queijo há na Lua também!,
disse rindo o meu irmãozinho de asas douradas.

Ai, ai, ai! Como esse meu irmão-borboleta é engraçadinho! Pois agora eu, Bel Floreio, fiquei curiosa para conhecer a Lua e quero ir lá pessoalmente, digo, borboletamente para ver como a Lua é de pertinho. Difícil? Talvez. Mas, se para quem tem asas voar é fácil, para quem tem asas e imaginação como eu, ir até à Lua é moleza! Eu me inspirei na aventura do meu mano-borboleta e desenhei nos céus com minhas asas aveludadas este poeminha de minha autoria, gurizada:



*Lua é prata
Sol é ouro
Quero a liberdade
Que é o maior tesouro*

E se a gente parar para pensar, crianças, a liberdade não é mesmo uma das coisas mais importantes e preciosas em nossas vidas? É o que a minha avó-borboleta sempre nos diz quando vamos almoçar com ela todo domingo em seu canteiro. A minha vovozinha Nonnilda já está velhiiinha, com mais de quatro meses de idade!!! Vocês se lembram que eu havia dito em um dos nossos bate-papos que, para nós, borboletas, o tempo parece passar de forma diferente do que para vocês, não é? Eu, por exemplo, tenho aproximadamente um mês de idade e já sou adolescente, quase adulta!!!

Eu, Belbellita Floreio, não poderia deixar de escrever nos céus azuis gaúchos com minhas esvoaçantes asas, gurizada, sobre um sentimento muito importante na vida das pessoas – e das borboletas também, ora essa! Quem quer tentar adivinhar sobre qual tema será o nosso bate-papo de hoje? Alguém? Ninguém? Pois quem pensou em “amizade” acertou na mosca (neste nosso contexto não seria mais adequado adaptarmos essa expressão para “acertou na borboleta”, por ser justamente eu, uma borboleta, quem vos fala?). [Risos de borboleta!].

Enfim... O que eu quero dizer é que penso que a amizade existente entre dois seres é uma das manifestações mais fantásticas da natureza: semelhanças ou diferenças que são atraídas mutuamente, aproximando aqueles que acabam unidos por laços de respeito, carinho e fraternidade. E eu, ser alado que sou, não poderia deixar de compartilhar com cada um de vocês, meus amiguinhos e amiguinhas, um pouquinho sobre as amizades que fiz com os muitos amigos animais durante as minhas andanças, quero dizer, “volitanças” pelos céus, terras e águas gaúchas, amigos que me fizeram compreender que, apesar de diferentes na aparência e no modo de vida que cada um tem, todos pertencemos ao mesmo mundo e dependemos uns dos outros para podermos viver e ser feliz. Nem mesmo o fato de animais serem de espécies diferentes pode impedir o surgimento de uma linda amizade entre eles!!! Vejam o exemplo da nossa amizade!!!

Pois agora vou lhes contar um pouquinho sobre dois dos muitos amigos que eu tenho. Pelas águas de um riacho tranquilo e cristalino que há aqui perto do jardim onde moro, conheci o Lambarinildo, um peixinho muito tinoso que consegue nadar mais rápido do que eu consigo voar pelos ares com as minhas sedosas e aveludadas asas. Ele se envaidece todo por causa disso, mas, como eu sempre digo, “a vista aqui de cima compensa!”. É um pouco difícil reconhecer o Lambarinildo, pois o cardume do qual ele faz parte possui centenas e centena de peixinhos idênticos uns aos outros. Não são tão coloridos como nós...

– **Glub! Glub! Glub!**, exclama Lambarinildo quando me vê sobrevoar o riacho.



Há, também, a Minhoquilda, a qual, como o próprio nome sugere, é uma minhoca, que raramente sai de seus labirintos subterrâneos para ver a luz do sol por temer os pescadores que a procuram para servir como isca nos anzóis de pesca. Pobre Minhoquilda! Sempre tremendo de medo! Ela tem receio de ser almoçada por Lambarinildo ou um de seus amigos...



Certa vez, eu a tirei da terra para um passeio pelos céus aqui perto de casa, e ela ficou com tanto medo das alturas celestes que começou a se retorcer toda, querendo voltar à sua toca na terra. Deve ser por isso também que ela treme tanto! Pois um dia eu vou perguntar para ela os porquês de tanto treme-treme... Ela até recebeu um apelido por isso: "minhoquilda treme-treme"...

Por fim, gurizada, eu quis hoje compartilhar com vocês o que eu penso sobre um dos sentimentos mais profundos, belos e nobres que pode existir entre dois ou mais seres: a amizade. E eu, como sou uma borboleta tri comunicativa e autêntica, não poderia deixar de falar um pouquinho sobre alguns dos muuuuuitos amiguinhos que eu tenho.

Chega ao fim mais um dos nossos maravilhosos bate-papos: "¡hasta luego!", como dizem as borboletas uruguayas e argentinas, nossas vizinhas que também vivem nos pampas gaúchos.

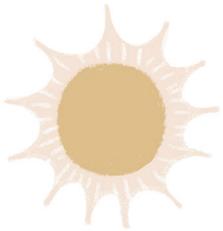
"Besos y abrazos" da sua eterna amiga: Floreio, Bel. ♡



Bom dia, pequenas prendas e peões! Ou eu deveria chamá-los de gauchinhos e gauchinhas?! Bem, o que eu prefiro mesmo é me referir a vocês por meio do termo gauchesco “gurizada”, que é mais coloquial, pois, como vocês já devem ter percebido no decorrer dos nossos bate-papos, eu, Bel Floreio, não sou muito formal, não é?

Eu, com movimentos rápidos e imprevisíveis pelos céus com minhas asas “asadas”, poderia contar para vocês as aventuras mais incríveis e emocionantes que um ser das alturas como eu pode experimentar (vocês se lembram quando eu narrei a viagem do meu irmão-borboleta à Lua?). Porém, hoje eu quero refletir com vocês sobre alguns elementos simples e cotidianos, porém imprescindíveis à nossa sobrevivência e – por que não? – à nossa felicidade. Como eu disse para vocês no início do nosso bate-papo, sou uma pessoa – ops! – sou uma borboleta nada formal, sou simples e discreta. Sim, não sou sofisticada; mas tenho os meus luxos: eu confesso! Permito-me, para meu espanto, ser eu mesma, voitar pelos céus e me sentir pertencente a algo muito maior: largo, profundo e extenso.

Sou um rabisco desasado da natureza que perambula pelos céus contemplando as maravilhas percebidas por somente aqueles que enxergam na simplicidade a exuberância de um mundo mágico e misterioso. E, por rabiscar, atrevo-me a escrever as sensações e emoções que em minha natureza volitante de borboleta pulsa.



Ah, como é bom poder sentir os doces e quentes raios de sol em minhas asas multicoloridas toda vez que saio por aí a farfalar pelos céus dos céus! E pensar que nem todo o ouro do mundo poderia comprar um único raio de sol. Nunca!!! Nem mesmo todos os tesouros seriam capazes de se comparar com a glória de um único raiozinho de sol dourado que rasga os céus para nos abençoar com a sua luz e calor.

E é por isso – é por isso, meus queridos! – que eu me encanto com a luz do sol que rasga os céus impetuosamente, com toda a sua graça e beleza, pois sei que nenhum outro poder terreno teria a capacidade de atravessar à velocidade da luz o espaço sideral desde o Sol até a Terra e nos glorificar com a sua energia mágica. A natureza é incrível! E dourada.

Na verdade, há algo mais veloz e poderoso do que isso que acabo de confessar a vocês. Mas esse segredo hoje eu não vou contar. Por ser um rebento da natureza, também tenho os meus mistérios... Bem, bem, bem... Ou melhor: Bel, Bel, Bel...

É hora de ir para a cama, pois hoje foi um dia bem corrido, digo, bem voado – eu voo, não corro! Tenho asas, não pernas! – afinal de contas, com um dia ensolarado como foi hoje, eu não poderia deixar de voitar pelos céus e apreciar os lindos raios dourados de sol que viajaram milhões e milhões de quilômetros para que eu pudesse contemplá-los. Ah! Vocês sabiam que, sem o Sol, não haveria vida? Sem ele, não poderíamos sobreviver nem mesmo por um segundo!

Jamais desperdiçaria a oportunidade de viver os intensos raios de sol com toda a sua força em minha vida de borboleta, existência única de bicho farfalante que quer experienciar todas as emoções que a natureza pode nos proporcionar!!! Eu e o meu pensamento sempre nas alturas...

Veremo-nos em breve, gurizada!
Abraços com asas solares da sua amiga iluminada,
oierolF atillebleB. ♡



Das estações

Queridos amigos gauchinhos! Como vocês estão? Eu, Bel, estava sentindo muita saudade do nosso habitual bate-papo e, por isso, vim voando (literalmente falando, digo, escrevendo) para poder-mos nos encontrar o quanto antes.

– Aaaaatchiiiiim!!!

Ops! Desculpem-me, gurizada, mas parece que eu peguei um resfriado daqueles, talvez pelo fato de estarmos no outono e as correntes de ar ficarem cada vez mais e mais frias nesses meses do ano. Eu não sei qual é a opinião de vocês em relação a isso, mas eu aaadddooorrrroo o outono, apesar de eu sempre ficar resfriada nessa estação do ano. Eu gosto muito de observar a natureza se preparando para a chegada do inverno, perceber as folhas das árvores se desprendendo dos galhos para que os raios de sol

Lá no jardim onde eu e as minhas irmãs e irmãos-borboleta moramos, há um e-nor-me plátano que, durante o outono, seca as suas belas e simétricas folhas para, então, lentamente caírem sobre as flores do nosso lindo canteiro.





Eu e a minha família-borboleta gostamos muito de observar as folhas da frondosa árvore se desprendendo e caindo lentamente até alcançarem o chão. Até parecem borboletas que farfalham delicadamente pelos ares até pousarem na terra...

É por isso que, quando nós éramos mais crianças (crianças-borboleta, tá?) nós não podíamos brincar de esconde-esconde no outono com os nossos irmãos-borboleta número 14, 65 e 88, pois eles têm as asas trigueiras, escuras como as folhas secas do plateiro lá do nosso quintal. Quando eles se escondiam entre tais folhas, ficava im-pos-sí-vel encontrá-los, pois os tinhosos se camuflavam perfeitamente entre as folhas caídas.

Pensando bem, há um pouquinho de borboleta em cada folha que existe: em algum momento todas elas se desprendem e alçam voo. Ah, se eu não fosse eu, eu seria uma árvore. E, se eu fosse uma árvore, eu seria uma folha de plátano que insiste em voar, mesmo no outono.



E o outono, com seu início no equinócio, quando a Terra está igualmente iluminada, nos faz perceber um pouquinho menos de luz a cada dia. Começa a anoitecer mais e mais cedo e, conforme os meses vão passando, os friozinhos vão aumentando gradualmente, e acabamos percebendo que a estação mais fria do ano está se aproximando: o inverno. Enfim...

– A... A... A... Atchimmm!!!



Estou com as minhas asas arrepiadas de frio, gurizada. Eu acho melhor me recolher e tomar um chá bemquentinho (com mel, é óbvio!) para eu melhorar desse resfriado outonal. Não poderia ser diferente, meus amores, porque neste mês de orquídea (vocês ainda se lembram que os meses para nós, borboletas, são denominados de outro modo, não é?) os friozinhos começam a fazer parte da nossa rotina de borboleta: eis que surge o outono...

E eu, borboleta sapeca [e tinhosa] que sou, apesar de ter apenas um mês de idade, conheço e experiencio cada uma das estações, sinto cada uma delas em mim, farfalo aqui e acolá pelo calendário, cruzando-o e desafiando-o.

Eu já disse que o tempo pode ser relativo, não é mesmo?
Disse sim! Mistérios da natureza, mistérios de borboleta...

Beijos geladinhos da amiga de longa data, B. F. ♡



¡Hola, muchachos! ¿Que tal? Como vocês estão? Pois eu tenho certeza de que vocês devem estar assim como eu estou: com mmmuuuiitttooo frio!!! Não é por acaso, não é, gurizada?! Estamos no alto do mês de julho (o correspondente ao mês de rosa pelo calendário borbolístico, como eu já expliquei em outros de nossos encontros) e, no inverno gaúcho, não podemos sair de casa sem um grosso casaco e um charmoso cachecol.

Aqui no jardim onde eu e a minha família-borboleta moramos, nos dias mais frios nós acordamos com as flores de nossos canteiros inteiramente cobertas de geada, o que acontece quando o orvalho congela. Imaginem como é difícil para o pessoal (para a borboletada, na verdade!!!) lá de casa acordar de manhã cedinho e encontrar as deliciosas florezinhas geladiinhas, encobertas por uma fina camada de gelo... Sempre temos que esperar os primeiros raios de sol da manhã descongelar a geada para podermos tomar o nosso café da manhã, que, em nosso caso, chamamos de flores-da-manhã, nossa primeira refeição do dia. Apesar do frio do inverno gaúcho, que é muito rigoroso, eu não posso dizer que não gosto dessa estação do ano.



Com os meus cachecóis multicoloridos, juntamente com as minhas asas policromadas, ou seja, de diversas cores, pareço-me com uma pierrette voando pelos ares, ao contrastar com as folhas secas das paisagens pictóricas dos jardins lá nas redondezas do nosso lar. E eu aproveito o clima charmoso e encantador do inverno para me inspirar e escrever com minhas entroxadas asinhas as mais diversas poesias e, também, prosas sobre a minha vida farfalante de borboleta. E – quem sabe? – talvez eu escreva justamente para, quando tu me leres, eu em ti poder me aquecer.

E eis que vos digo, amiguinhos, que é nos dias mais frios que eu necessito sentir o calor arquejante do coração que pulsa em algum lugar de mim.

Às vezes, é preciso sentir um pouquinho de inverno para percebermos a importância da ternura das pessoas (e/ou borboletas) em nossas vidas para nos aquecer nas manhãs frias de inverno e dissipar a geada que muitas vezes encobre os nossos coraçõezinhos.

Mas nada como intensos e arquejantes raios de sol matutinos para revelar o que está escondidinho no mais secreto de nós mesmos, não é, gurizada!?

– Bbbrrr!!! Que baita friooo!!!

Que ventinho gelado esse que está soprando agora aqui, amiguinhos!!! Pois eu vou para casa agorinha mesmo tomar a sopa de margaridas, rosas e violetas que a minha mãe-borboleta fez com todo o carinho do mundo para nós.



Ai, ai, ai... Este inverno do mês de rosa está sendo tttãããooo rigoroso!!! Tenho certeza de que o mês de rosa do ano de 3967 ficará na história das borboletas como um dos que mais nos castigou com o seu frio!!! Beijinhos com a pontinha do nariz geladinha, gauchinhos lindos!!!

Voltaremos a nos encontrar logo-logo-logo, está bem???

Já estou com saudades imensas de vocês.

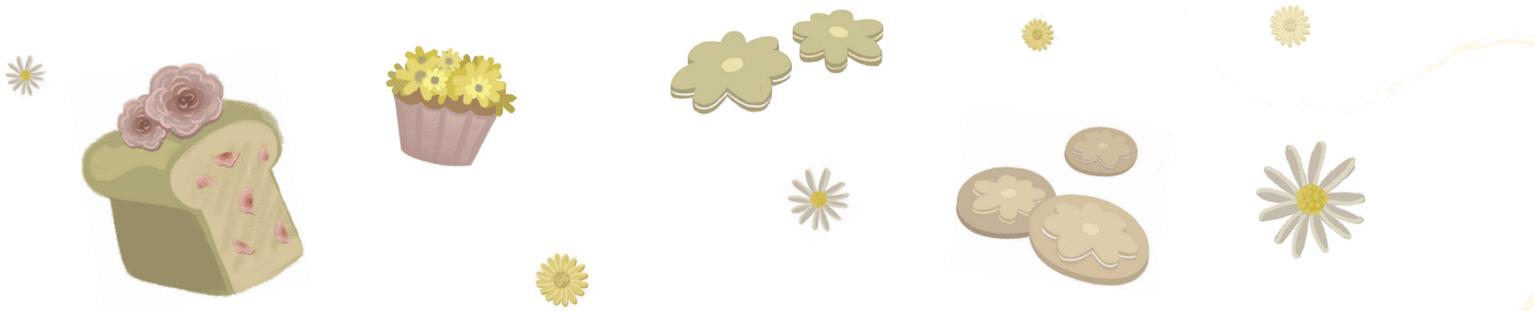
Abrços com asas! Belbellita Frioreio. ♡
[Ou seria friorenta?]



Bom dia, gurizada! Ou seria “boa tarde”? Ou ainda “boa noite”? De qualquer maneira, saúdo a todos alegremente, porque sinto forte e delicioso odor de perfume de flores, pois estamos na estação do ano que faz com que toda e qualquer borboleta saia do regime: a primavera.

Sim, o inverno congelante ficou para trás e a radiante primavera veio para nos abençoar com os seus sons, odores e sabores. E percebam que quem fala – escreve – é uma borboleta gulosa que aaaaadddooooo experimenta os mais inusitados pratos feitos com as deliciosas e inigualáveis flores primaveris.

Não tem como não lembrar dos quitutes feitos pela minha amada avó-borboleta Nonnilda, a qual fazia em seu forno a lenha delícias deliciosas incredivelmente gostosas. Bolachinhas de violetas, pães de margaridas, sucos de rosas, geleias de cravos e chás de hortênsias são algumas das guloseimas que ela fazia para os seus netos e netas-borboleta.



Eu e os meus irmãos e irmãs-borboleta costumávamos ir todas as tardes visitá-la e tomar o nosso café da tarde, lambuzando-nos com as delícias preparadas com suas próprias mãozinhas, digo, asinhas. Ser borboleta e não amar a primavera é como ser peixe e não gostar de água!!! Durante a primavera eu sinto não somente que as flores se abrem e nos brindam com o seu esplendor, mas também que toda a natureza, em sua soberania, sorri e desabrocha em plenitude de vida. Os jardins lá de casa ficam incrivelmente floridos e, conseqüentemente, coloridos também, pois nós temos centenas de espécies diferentes de flores plantadas lá, todas à nossa disposição e também a quaisquer outras borboletas ou pessoas – por que não? – que queiram desfrutar da glória que é experimentar a doçura de uma flor.

Pois agora eu fiquei pensando como a natureza é sábia e generosa conosco, ela nos dá a doçura das flores sem nada nos pedir em troca e nós, muitas vezes, em resposta, a agredimos com destruição, desmatamento e poluição. Eu penso que nós devemos cuidar e preservar a natureza, galerinha, porque somos parte dela e dependemos de seus recursos para sobreviver e viver com qualidade. Devemos refletir sobre a importância do cuidado com o nosso planeta, pois ele não pode continuar sendo agredido e maltratado do modo como está acontecendo.

E, assim, ao farfalar com minhas asas coloridas e sedosas pelos céus gaúchos, não consigo deixar de exclamar a minha alegria por ser primavera (é primavera? Sim, sou primavera!), a estação do ano que nos seduz com o que há de mais belo e nobre na natureza. Neste mês de violeta, para o nosso calendário borbolístico, a estação da primavera nos trás tantas felicidades que parece que não cabemos em nós mesmas de tanta alegria!!!

Meus estimados amiguinhos, agora eu vou ter que dar um pulinho (apesar de eu ter patas, e não pernas!!!) lá em um canteiro do jardim da minha família-borboleta para fazer um lanchinho com as flores primaveris mais açucaradas e apetitosas. Flores, muitas flores – sempre! Passeando pelos ares, experienciando as estações, desafiando o calendário, despeço-me com todo o carinho do mundo...

Um ramalhete de beijos primaveris
no coração de todos vocês!!!
Belbellita Flor(eio) ♡



Toc! Toc! Toc! Sou eu, Bel, a borboleta gauchesca que ama estar pertinho da gurizada mais linda deste pago: vocês!!! Em nossos últimos encontros, amiguinhos, nós conversávamos sobre a primavera, a estação do ano preferida por toda e qualquer borboleta. Os motivos são óbvios, vocês concordam comigo, certo? Com tantas flores, frutas e travessuras, não há como não amar a primavera, ainda mais para mim, uma borboletinha gulosa que aaadddooorrraaa degustar as florezinhas mais açucaradas dos jardins mais coloridos.

Bem, mas hoje o nosso bate-papo (lê-se: "bate-asas") será sobre outra estação, a qual, assim como a primavera, possui os seus encantos: o verão. Durante tal estação, eu e os meus irmãos e irmãs-borboleta brincamos e nos divertimos como em nenhuma outra estação do ano. É que lindos dias radiantes de sol são bem convidativos para que borboletas tinosas como eu passem o tempo todo farfalhando pelos céus azuis gaúchos, aproveitando ao máximo o que há de melhor no verão.

É claro que alguns cuidados básicos devem ser considerados, como passar muito protetor solar nas asinhas para que os fortes raios de sol não as queimem. E não somente nós, seres volitantes, temos que nos proteger do sol, mas também todos vocês, meus amores!!! Portanto, nunca se esqueçam de passar o protetor solar!!!

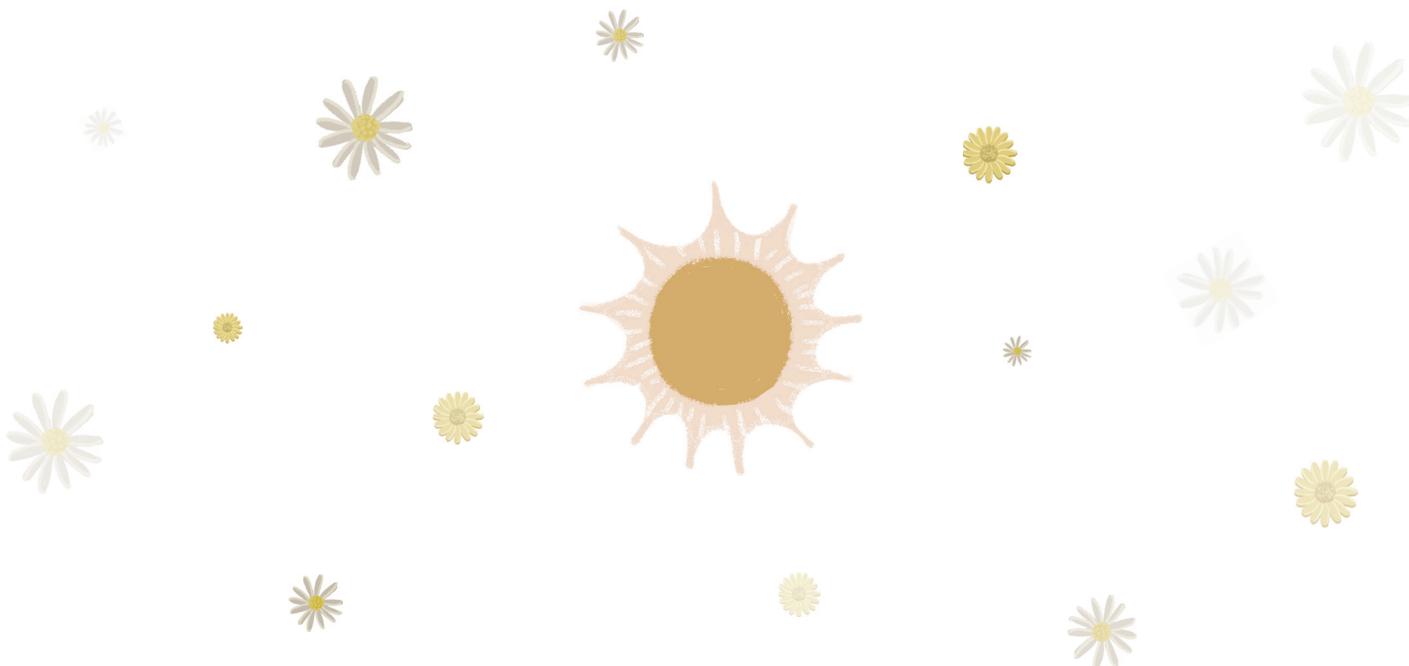
Eu amo brincar com a minha família-borboleta pelos céus do nosso Rio Grande do Sul e sentir em minha face de borboleta o calor dos raios de sol que viajaram, à velocidade da luz, milhões e milhões de quilômetros para me aquecer e trazer alegria de viver. Eu te agradeço, Sol, por tu me proporcionares a glória do calor dos teus raios, os quais me dão vida e esperança. Obrigado por tu existires e por nos dares a quentura necessária para nos aquecermos do frio glacial dos invernos rigorosos. Se houver sol, há amor, e então nada me impedirá de eu seguir o meu caminho. Que se faça verão, portanto!!!

Lá em minha escola (eu já disse para vocês que eu também estudo, não é?), a professoraborboleta Magistrilda nos ensinou que o calor expande os corpos, aumentando o seu volume, o que é chamado, em física, de dilatação térmica. Ao refletir sobre isso, não pude deixar de pensar que no verão, então, tudo se torna um pouquinho maior do que é, por causa do calor da estação.

Pois no verão eu me banho com o raiar do sol e me alargo toda: posso me expandir com o calor e o amor que em mim transborda. Vamos pensar sobre o poder quase sobrenatural do calor de aquecer, expandir e colocar à disposição do verão os nossos coraçõezinhos para que o calor do estio possa esquentá-los. Com a estação mais quente do ano, o verão, despeço-me dos meus estimados amigos que costumam, comigo, alçar voos nas alturas dos céus e enxergar o mundo sob uma perspectiva única, borboletamente falando. Muitos raios quentes de sol é o que eu desejo para todos nós!!!

Despeço-me de vocês, queridos, ao registrar com minhas asinhas lindas e coloridas a data correspondente aqui para o calendário borbolístico: 23 de orquídea de 3967. Apesar de vivermos em um dos Estados mais frios do Brasil, aqui no Rio Grande do Sul também faz muito calor!

Que barbaridade! Rio Grande do Sul? Não! "Rio Grande do Sol", isto sim!
Abraços farfalantes e calorosos de verão, Bel-belinha. ♡



Como vocês devem suspeitar, eu, Bel Floreio em borboleta (não é conveniente neste caso dizer "em pessoa", não é?!), estou aqui para o nosso encontro costumeiro. Em nossos últimos bate-papos eu escrevi um pouquinho sobre as estações do ano sob a perspectiva de quem vivencia tudo no alto dos céus gaúchos: nós, as borboletas far(falantes)!!!

Durante a primavera, eu me floresço toda e me envaideço em petulância de borboleta tihosa que farfala aqui e acolá. E as flores, em alegria plena de viver, rechaçam o frio medonho do inverno e desabrocham sem vergonha ou timidez, ao aceitarem, gulosas, a exuberância da primavera. No verão, eu me derreto: dissolvo-me pelos ares abrasados com o esplendor do sol. O calor dos invencíveis raios dourados de sol aquecem os anis e profundos céus deste pago e contornam, triunfantes, as trevas das noites escuras, em glória apoteótica.

O que seria do verão sem os seus intensos raios de sol? E eu, com minhas asas que desbravam estes céus gaúchos, aprecio calmamente os momentos únicos e inesquecíveis que uma tarde radiante de estio pode nos proporcionar. O outono despe as árvores de suas vestes, as folhas, deixando-as desnudas para que os raios de sol (oh, mais uma vez eles a raiar!!!) possam nos alcançar mais facilmente. As folhas, também a farfalar ao cair das plantinhas, aceitam seu destino e acabam por repousar, resignadas, sobre a terra, em um tapete de retalhos formado pelas mais diversas cores e formatos.

– Bbbrrr!!! Barbaridade de frio!!!

E o frio do inverno, com sua aparente impessoalidade e gelidez, nos convida, sim, a nos aproximarmos uns dos outros para que, juntos, possamos nos acalentar em calor fraternal. Com uma xícara de café (adoçado com muito mel, obviamente!!!) eu me aqueço contra o frio de meu coraçãode-borboleta que às vezes insiste em se manifestar.

Pois bem, gurizada, as quatro estações, cada uma com as suas características marcantes, inspiram-me a farfalar durante todas as épocas do ano, pois cada estação possui a sua própria beleza transcendente.

Primavera, verão, outono e inverno testemunham as peripécias desta borboleta que fala (e escreve), com um quê de anjo que perambula com suas asas alvas e penugentas pelos céus sem limites. Aliás, há algo de angelical em toda borboleta e – por que não? – em cada um de vocês.

– M... M... M...

Eu e a minha certeza de que sempre há um anjo à espreita para tecer e costurar os nossos destinos. Anjos sapecas, tinhosos, arteiros... E, por falar nas estações, cada integrante da minha família-borboleta tem a sua preferência: meus irmãos-borboleta números 20, 63, 82 e 94 preferem o verão; minhas irmãs-borboleta números 03, 11, 39, 74 e 105 gostam mais do inverno; meus avós e tios-borboleta amam o outono e, por fim, a primavera é a estação do ano preferida por todos os meus primos-borboleta e pela minha querida mãe-borboleta. Ei! Vejam! Acabo de inventar uma poesia:

*No inverno eu me encolho...
No outono eu fecho o olho...
No verão desperto e acordo bela...
Porque a primavera toda me espera...*

E lá vamos nós!!! Infelizmente, eu vou bater as minhas asinhas e ir embora agora, gurizada. Desejo o melhor do verão, do outono, do inverno e da primavera para cada um de vocês!!!

Da sua eterna amiga voadora, Belbellita Flor-flor-flor... ♡



Do continente
de São Pedro

Es-is-me aqui, Bel Floreio, para mais uma vez batermos um papo de jacaré bem legal e trocarmos ideias, gurizada. Como eu sou uma borboletinha gaúcha assim como vocês, às vezes eu narro algumas histórias, contos e lendas do nosso pago em comum: o Rio Grande do Sul. Como vocês já devem ter percebido, eu aaadddoorrroo as lendas gaúchas, e é justamente esse o tema da nossa charla de hoje.

Prontos? Então vamos lá!

Quero contar para vocês a lenda de Sepé Tiaraju, personagem emblemático de nossa história missioneiro que nasceu nos Sete Povos das Missões, na Redução de São Luiz Gonzaga.

Adotado por um padre jesuíta por ser órfão de pai e mãe, foi transferido para a Redução de São Miguel Arcanjo ainda muito jovem. Forte, aguerrido e bravo, o nativo Sepé lutou intrepidamente nas peleias contra os invasores para proteger o seu povo e as Missões Jesuíticas.

Todos que o conheciam o admiravam e o viam como predestinado por Deus e São Miguel, e símbolo disso era uma pequena cicatriz que ele possuía em sua testa, a qual tinha a forma de lua, o que indicava a singularidade extraordinária de seu ser. Durante as noites escuras sem luar, ou mesmo durante os combates de que participava, o lunar na testa de Sepé brilhava fortemente, ao guiar os guerreiros missioneiros nos campos de batalha.

Após muito pelear em defesa dos ideais e da liberdade de seu povo, Sepé Tiaraju sucumbiu perante a covardia de seus inimigos na Batalha de Caiboaté, vencido pelas armas dos exércitos portugueses e espanhóis. Então, Deus Nosso Senhor retirou o lunar da testa de Sepé e o projetou nos céus do pampa gaúcho em forma de cruz, com o intuito de guiar todos os gaúchos: surgia o Cruzeiro do Sul.

Bem, gauchinhos, essa lenda de Sepé Tiaraju é uma das minhas preferidas, porque quem me contou foi justamente a minha que-ri-da e a-ma-da bisavó-borboleta, que nasceu e se criou nos lindos céus dos Sete Povos das Missões. A minha bisavó me disse que quem contou essa história para ela foi o seu trisa-tri a-trisavô-borboleta, que se chamava Porã, o qual conheceu pessoalmente, digo, "borboletamente", o próprio Sepé Tiaraju. Esse personagem de nossa história inspirou muitos gaúchos com seus ideais de liberdade, e uma frase significativa a ele atribuída, que reflete seu sentimento de pertencimento a este pago, diz o seguinte:

"Esta terra tem dono!"

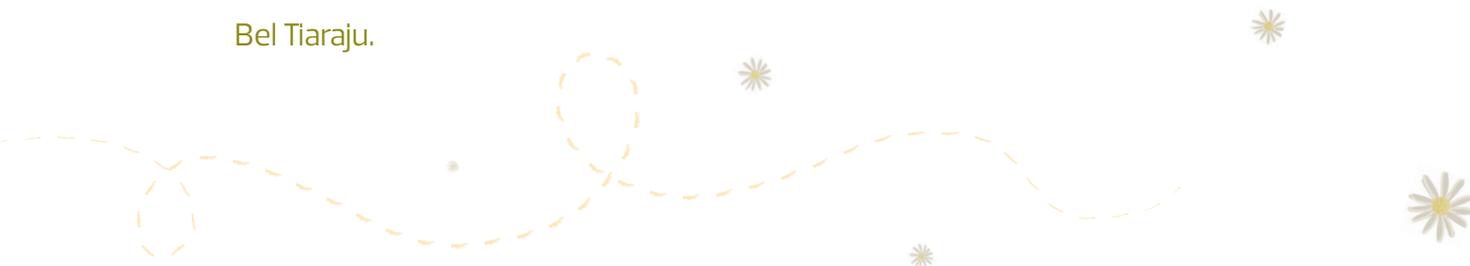


Em defesa de seu povo, da liberdade e da justiça, o nosso herói deixou uma marca indelével, ou seja, que não se pode eliminar ou apagar, em nossa história gaúcha, ao demonstrar bravura e intrepidez perante aqueles que tentaram impor pela força a destruição dos povos nativos de nossa terra. Quantas histórias e mistérios testemunharam estes pagos gaúchos, quantas lendas e causos escutaram as orelhas atentas e curiosas dos gaúchos durante séculos e séculos!

Tchê, ¡ahora me voy! Gurizada, espero que vocês tenham gostado do nosso encontro de hoje. Eu adorei farfalar pelos céus e pela história do nosso Rio Grande do Sul com vocês e narrar a lenda do eterno Sepé Tiaraju. E as borboletas a testemunhar tantas façanhas!

Abraços de asas borboletantes em formato de lua a todos vocês!

Bel Tiaraju.



¡Buenas, muchachos! Estavam ansiosos pelo nosso encontro? Pois eu estava com as minhas asas latejando de tão ofegante que eu fiquei por ter voado tão rapidamente para o nosso bate-papo costumeiro, porque hoje eu trouxe novidades que vão tornar os momentos que nós compartilhamos juntos ainda mais interessantes.

Eu vou continuar a abordar histórias tri legais, relacionadas ao folclore gaúcho, mais especificamente sobre as lendas narradas pelo nosso povo. Em alguns de nossos bate-papos, eu vou contar para vocês histórias dos mais diversos lugares, tempos e espaços que constituem a memória dos gaúchos (e de todas as borboletas gaúchas também, tchê!). E hoje eu, Bel Floreio, quero contar para vocês a lenda do Negrinho do Pastoreio.

BELBELLITA, A BORBOLETA GAUCHESCA (XIX)

Vamos lá, então!!! Há muito tempo, havia um guri negro escravizado, o qual era obrigado a cuidar do pasto e dos cavalos de um rico e impiedoso estancieiro. Certo dia, ao pastorear o gado na propriedade rural, o guri, por descuido, deixou escapar um dos cavalos que estavam sob seus cuidados. O terrível estancieiro, ao perceber o que havia acontecido, mandou açoitar brutalmente o guri, o qual, mesmo machucado, teve que voltar ao campo para tentar encontrar o animal perdido.

Depois de passar uma noite inteira procurando em vão o cavalo sob a luz prateada da lua, o pequeno retornou à sede da estância, onde foi novamente castigado sem nenhuma piedade pelo malvado estancieiro, o qual o colocou totalmente pelado dentro de um formigueiro. No dia seguinte, o algoz estancieiro foi verificar se o guri havia morrido no formigueiro e, para o seu espanto, por um milagre inexplicável, o guri estava são e salvo, sem nenhum ferimento em seu corpo, montado sobre o cavalo baio do proprietário que havia desaparecido. O fazendeiro, ao testemunhar o milagre que havia salvo o negrinho da morte dolorosa, arrependeu-se de sua crueldade injusta e libertou o guri com o seu cavalo, livrando-o da escravidão e da opressão.



Por fim, o Negrinho do Pastoreio é considerado, de acordo com a lenda, o protetor daqueles que perderam algo. Para que estes encontrem o objeto perdido, é preciso acender uma vela ao Negrinho do Pastoreio para que o que foi perdido seja encontrado.

Eu, particularmente e borboletamente, me impressiono muito com essa lenda, amiguinhos, porque ela nos narra uma história que retrata um ato horrível de uma pessoa que oprimia e maltratava uma criança inocente... Devemos saber e lembrar que tais atos maldosos aconteciam com muita frequência para que possamos evitar e combater a violência contra as crianças (crianças-borboleta também, ora bolas!!!) e contra qualquer pessoa, para que nunca mais se repita.

Lembrem-se do que esta velha amiga (está bem, nem tão velha assim!!!) diz: tratem sempre bem quem está à sua volta, façam o melhor – sempre! – para os seus semelhantes. Quando contribuímos para que o mundo seja mais feliz, tornamo-nos, em resposta, mais felizes também. Bem, gurizada, espero que todos vocês tenham gostado desta lenda gaúcha, a qual é uma das mais conhecidas e apreciadas de todas. Talvez alguns de vocês já conhecessem essa história, mas é sempre bom recordar. Não concordam comigo?

Com votos de paz e amor, Belbellita Pastoreio... ♡



Direto do Continente de São Pedro, ou seja, do nosso querido pago chamado Rio Grande do Sul, eu, Belbellita Gauchesca, escrevo para os meus excepcionais amigos também gaúchos: vocês!!! Já faz algum tempo que estamos charlando (conversando) sobre histórias, fábulas e lendas próprias do nosso Estado, como vocês devem ter percebido, gurizada. E hoje, do mesmo modo, eu vou lhes contar uma lenda singular, muito conhecida na minha família-borboleta, que tem como cenário a cidade de Cruz Alta.



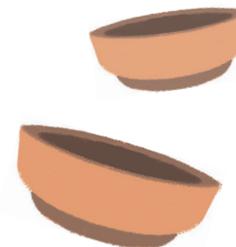
Chama-se “A lenda da panelinha”

Na bela e histórica Cruz Alta, há muitos e muitos anos, havia próximo do centro da cidade uma grande fonte d’água em formato de poço, a qual originava um pequeno riacho que servia para abastecer aqueles que sentissem sede e ali fossem saciar-se. A fonte, chamada de Fonte da Panelinha, era utilizada por nativas que usavam a água corrente disponível para os seus afazeres etambém para dar de beber com suas cumbucas a todos que necessitassem de água.

BELBELLITA, A BORBOLETA GAUCHESCA (XX)

Cruz Alta, rota dos tropeiros que atravessavam o país a transportar e comercializar caravanas de muares e cavalos, recebia expressivo número de forasteiros que, por vezes, ali paravam por determinado período de tempo para descansar e, posteriormente, seguir viagem. Os viajantes, ao pedirem água às nativas que ali estavam, saciavam sua sede nas cumbucas oferecidas pelas lindas moçoilas da Fonte da Panelinha, as quais por vezes se apaixonavam pelos rapazes vindos de longe.

As nativas, ao saberem dos encantamentos que a água da fonte possuía, faziam com que os tropeiros por quem estavam apaixonadas bebessem exclusivamente de suas cumbucas, por acreditarem que quem saciasse a sua sede com a água da Fonte da Panelinha retornaria em algum momento à cidade e, conseqüentemente, voltariam a vê-las. Assim, de acordo com a lenda, quem bebe a água da fonte amarra-se definitivamente a Cruz Alta, e logo dá um jeito de retornar à cidade.



Ai, gurizada, eu aaadddoorrreeeiii escutar essa história lá no jardim onde eu e a minha família-borboleta moramos, assim como também adoraram apreciar a lenda os meus 110 irmãos e irmãs-borboleta. Gosto de pensar que algumas pessoas dão algo de si para aqueles que admiram com o intuito de fazer com que a pessoa sempre volte. Querer as pessoas próximas de si é uma forma muito linda de demonstrar o amor que sentimos pelo outro. É como se lançássemos uma pequena isca para que as pessoas as mordam e queiram retornar aos braços de quem as quer bem. Que a minha amiga Minhoquinha (vocês ainda se lembram dela?) não me escute, porque ela tem pppaaavvvoorrr da palavrinha "isca" e também de "anzol"!!!! Mas não é de se estranhar, não é mesmo?! Afinal de contas, ela é uma minhoquinha e não quer, de jeito nenhum, virar uma isca de pescaria por aí!!!! Pois eu também lanço as minhas iscas para que, quem eu amo, a mim sempre retorne!!! Em um de nossos próximos encontros (não vou dizer qual) eu vou contar para vocês o maior segredo que uma borboleta pode ter. Não percam, não deixem de voltar até mim! A isca está sempre lançada e eu espero por vocês!

Da sua Belbellita da Panelinha, a borboleta que quer vocês sempre por perto!
Beijos com o sabor do mais doce néctar floral...
Bel, a borboleta gauchesca... ♡

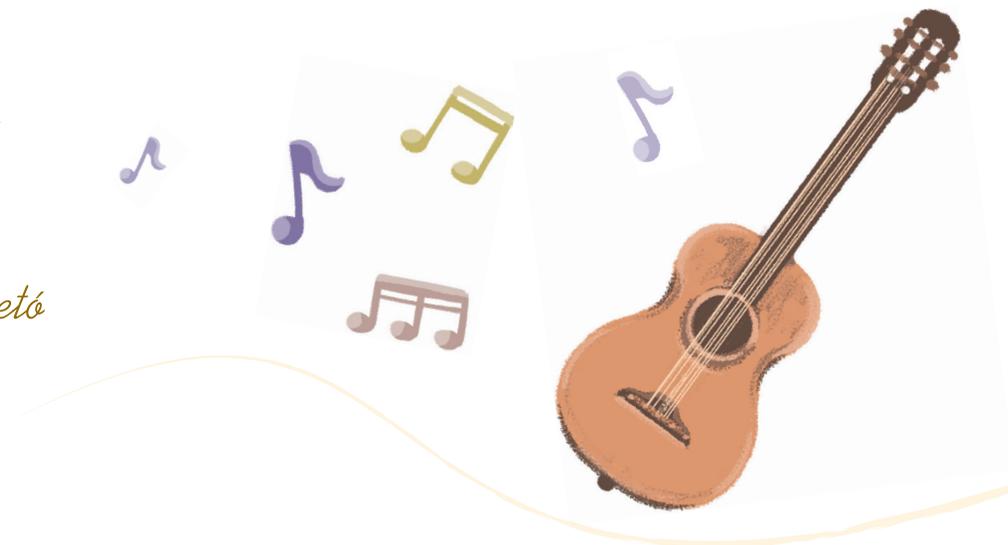
BELBELLITA, A BORBOLETA GAUCHESCA (XXI)

Eis-me aqui, euzinha em pessoa ("borboleta", por favor!) para mais um "causo" aqui das bandas orientais do Rio Uruguai. De vereda vos digo: a Lenda de Angoéra é que vou narrar hoje em nosso encontro, está bem, gurizada?! Lá para os lados dos Sete Povos das Missões, durante o tempo das Missões Jesuíticas, no Pirapó, havia um nativo que lá vivia muito triste e cabisbaixo, o qual se escondia de todos que dele se aproximava pelos matos e peraus das redondezas. O nativo da terra parecia um verdadeiro fantasma, e por isso era chamado por aqueles que o conheciam de "Angoéra", que em guarani significa justamente "fantasma". O nativo, fugidio, não se atrevia a entrar nas igrejas dos padres jesuítas, ao fugir e se esconder.

Porém, certo dia, após muita insistência, os jesuítas batizaram-no e Angoéra foi convertido à fé cristã, ao deixar de vagar sem rumo pelos rincões escondidos destes pampas. Ao ser batizado, deram-lhe o nome de Generoso, e o nativo, antes arredio, tornou-se uma pessoa alegre e festeira, deixando para trás a sua melancolia e tristeza. Entretanto, Angoéra, ou seja, Generoso, faleceu. Porém, mesmo assim ele continua, até hoje, a campear diversão pelos pagos gaúchos. Onde há fandango, lá está o espírito de Generoso rondando inquieto.

Se alguém escuta o rufar de uma viola sozinha, é a mão dele a tocar. Se alguém ouve uma risada galponeira, é Angoéra a gargalhar. Se alguém percebe que de repente a saia de alguma prenda é levantada sem motivo, sabe-se que é a mão tihosa dele a provocar. Quando isso acontece, o tocador do fandango que está animando o baile deve cantar em sua homenagem os seguintes versos:

*Eu me chamo Generoso,
morador de Pirapó
Gosto muito de dançar
com as prendas de paletó*



Quando a borboletada lá de casa, digo, lá do jardim da minha família-borboleta escutou a Lenda de Angoéra, a maioria dos meus irmãos-borboleta ficaram se pelando de medo, porque temiam que o espírito de Generoso pudesse aparecer nas festanças que por vezes acontecem lá nas redondezas dos nossos canteiros. Assim, como meu pai-borboleta é chegado a um fandango, toda vez que há uma bailanta no galpão lá de casa nós ficamos mmmmoorrreeennndddooo de medo de que Angoéra ali esteja e de que algo inesperado aconteça. Mas até hoje nada de anormal aconteceu, ainda bem!!! E, se acontecer, já sabemos que é preciso que o gaiteiro toque o versinho em homenagem a Angoéra, o Generoso.

Ô, meu Rio Grande do Sul! Sempre com seus mistérios a despertar a nossa curiosidade... E curiosidade de borboleta não tem limites!!! Com ou sem mistérios, os nossos encontros são únicos, não é, pessoal?! Encontro volitante, farfalante e emocionante que já faz parte da rotina de todos nós.

E agora... ¡Me voy!, como diriam os nossos vizinhos de pampa uruguaio e argentinos. Encontraremos-nos logo-logo-logo nestes mesmos céus gaúchos azuis e estrelados. Bel Fandangueira!



– Alô?! Quem fala?!

Não, não! Vamos começar de novo!!! Aqui ninguém fala, ora essa!!! Aqui escreve-se e lê-se. E quem aqui rabisca estas palavras com suas asas multicoloridas é a borboleta mais gauchesca destes pagos, gurizada: eu, Belbellita Floreio, sua melhor amiga de asas!!!

Eu, vestida de prenda, rodopio as rendas de meu vestido pelos céus gaúchos e testemunho a glória de experienciar nas alturas da abóbada celeste a altivez de pertencer a este ninho gaudério chamado Rio Grande do Sul. Com minhas asas farfalantes de borboleta tihosa que sou, viajo com o meu pensamento aos lugares mais belos deste pago que a todos nós pertence. Na campanha gaúcha eu desbravo os campos-sem-fim, o mundo a céu aberto, sem limites, somente o horizonte a sinalizar a linha que separa o “aqui” do “lá”, sempre mutável, andante, inconstante. Eu voo mais um pouquinho e a linha do horizonte se modifica, há um outro “aqui”, há um “acolá”... Na vida não há limites!

Na serra as montanhas se rasgam ao tentar alcançar os céus com suas alturas tremendas, e as árvores se aproveitam para crescer, majestosas e imponentes, sobre as elevações montanhosas para apreciarem a paisagem lá do alto. Assim como quem aqui escreve: eu. Destes céus azuis gaúchos, percebo os rios, riachos e lagoas que banham e recortam o nosso chão, veias abertas cujo sangue, água-que-corre-sem-ter-pernas, flui sem pestanejar pelo pago.

O Rio Jacuí, artéria visceral que rasga o peito gaúcho, pulsa sem cessar por este chão. E, lá de cima, eu o vejo cruzar minha terra, e eu o sigo, acompanho-o em sua jornada, impressiono-me com suas cachoeiras sulinas, ao vê-lo lançar-se, com invejável intrepidez, em seu destino-de-rio, sempre corrente, incessante.

Assim o sou... Meu pensamento pulsante, como coração apaixonado a tiquetaquear arquejante em peito fulminado pelo amor, repousa sem pestanejar sobre nossa terra, nossos rios, abraçado pelas águas pardas do Jacuí. Alvorço-me levemente com suas águas, sigo a correnteza e aporto em um Alegre Porto, aprecio, sem pressa, a calmaria da Lagoa dos Patos, para, por fim, dissolver-me sem constrangimento no Atlântico.

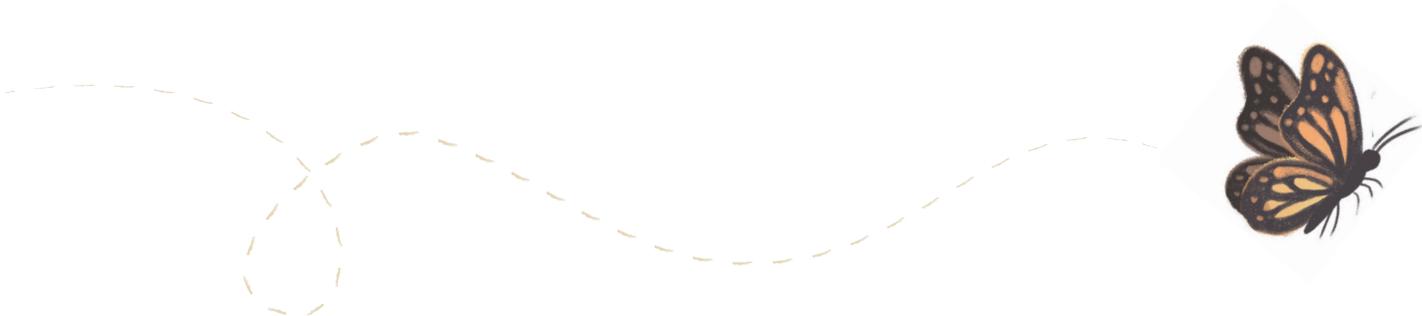
E os rios que singram em minhas veias seguem cursos curvilíneos, em "s", sem perturbações, pois há todo o tempo que a eternidade pode nos dar para que o rio que sabe – sim, ele sabe! siga o seu destino: o rio não tem pressa. As estradas, afobadas, insistem em sua retidão apressada apenas para mais rápido chegar. Corre-se o risco, com isso, de muito rápido andar e de se esquecer de a paisagem apreciar, a qual, calada, observa-nos atentamente.



Em relação aos nossos céus, os caminhos podem ser como nós quisermos, como rios em "s" ou como estradas afobadas retilíneas, em "i" ou "l". Pois eu voo aqui e acolá serpenteando as alturas sem nada temer, somente a amar... E aqui nos céus gaúchos não é muito diferente, porém o traçado nas alturas quem faz somos nós mesmos. "Pela estrada afora, eu vou bem sozinha...", como diria Chapeuzinho Vermelho... No meu caso, gurizada, a canção seria: "Pelos céus afora eu vou bem borboletinha..."! Mais um dia que se passa e, com ele, o momento maravilhoso que estar aqui com vocês.

Abraços de asas carinhosas para os meus queridos e amados amigos gauchinhos de muito tempo.

Da amiga gauchesca de longa data, Belbellita Floreio. ♡



¡Hola! ¿Que tal? Gurizada, apesar do meu sotaque “portuñol” que às vezes me escapa, vocês sabem que aqui quem fala e escreve e agita esse fandango é a amiga Belbellita, que hoje contará para vocês, ao pé do ouvido, a lenda de Boitatá. E lá vamos nós...

Há muito, muito, muito tempo, tanto que a peonada mal se recorda, aconteceu um enorme dilúvio, o qual afogou até mesmo as coxilhas mais altas. Poucos viventes se salvaram, e quase tudo acabou morrendo por causa das águas. Porém, guaçu-boi, “cobra grande”, como era chamada pelos nativos desta terra, acabou escapando com vida. A tinhosa havia se enroscado no galho mais alto da mais alta árvore e lá ficou até que a aguaceira começou a baixar e tudo foi serenando. Ao perceber o mundaréu de animais e pessoas mortas, guaçu-boi, louca de fome, encontrou o que comer. [Que horror!].

Porém, para espanto geral, ela somente comia os olhos dos mortos. Dizem que as criaturas, quando morrem, guardam nos olhos a última luz que enxergaram. Assim, guaçu-boi foi comendo, comendo e comendo os olhos dos falecidos e, de tanta luz que havia dentro de si por causa da luz dos olhos que comera, ela foi ficando brilhosa e iluminada, mas não era de um fogo bom, quente. Era uma luz fria, levemente azulada. E tantos olhos comeu e tanta luz guardou, que certo dia guaçu-boi arrebentou-se e acabou morrendo, ao espalhar um clarão gelado pelos rincões deste pampa... Os nativos da terra, ao verem tal acontecimento, assustaram-se, não mais reconhecendo a guaçu-boi. Exclamavam, espantados com o fenômeno:

– Mboi-tatá!!! Mboi-tatá!!! Mboi-tatá!!!

Tal expressão, na língua dos nativos, significa “cobra de fogo”.

E ainda nos dias de hoje Boitatá aparece, errante, pelas noites afora, nos lugares mais inusitados deste Continente de São Pedro. A criatura ronda cemitérios e banhados, de onde sai para perseguir os campeiros. Os mais fiasquentos disparam de medo. Para os valentes, entretanto, basta afrouxar o laço e atirar a armada em cima de Boitatá.



Ao ser atraído pela argola do laço, Boitatá se enrosca todo, quebra-se em diversas partes e se some na escuridão das noites sem fim... Uuuu!!! Mais uma lenda que causa um arrepio tremendo nas minhas asinhas, pessoal!!!! Não que o gênero terror seja o meu preferido, gurizada, mas há tantas lendas gauchescas que contam “causos” com temas que dão um medinho na gente, que eu não poderia deixar de contar para vocês essas histórias que passam de geração em geração e que revelam a riqueza da nossa cultura gaúcha.

E eu, que habito os céus gaúchos, depois que escutei a lenda de Boitatá, penso duas, três, quatro vezes antes de sair à noite para farfalar por aí. Não é que eu tenha medo, não, de jeito nenhum, mas é que... que... que...

– Eu tenho medo, sssssiiiiimmmmm!!!

– Bbbrrr!!! Que os deuses-borboleta me livrem de alguma noite encontrar Boitatá por aí!!!

Não quero nem pensar nessa possibilidade!!! Se eu ver algum clarão pela noite afora, saio correndo, digo, voando sem pestanejar para o canteiro lá do jardim, onde eu e a minha família-borboleta moramos. Gurizada, chegou a hora de me recolher e ir embora. Já está anoitecendo e, como eu já falei – escrevi –, não quero ver Boitatá no caminho de volta. Cuidem-se sempre! Nunca se sabe quando Boitatá poderá aparecer. Abraços de asas de borboleta a todos vocês, meus amados!

Beltatá Floreio.



Ô... ô... ô... de casa!!! Tem alguém aí? Oi! Oi! Oi! Aqui quem fala e far(fala) é a sua amiga de asas Bel, a borboleta gauchesca. Hoje estou me sentindo ansiosa, porque quero contar uma lenda que escutei de uma tia-avó-borboleta minha que vive lá pelas bandas das Missões. A lenda se chama A Casa de Mbororé. Ei-la, pois: Na época dos Sete Povos das Missões, havia um velho nativo em uma Redução Jesuítica chamado Mbororé. Com a invasão dos exércitos portugueses e espanhóis, os padres jesuítas precisavam abandonar os aldeamentos e fugir, levando consigo os bens de valor que pudessem carregar.

Aquilo que os jesuítas não conseguiram ou não puderam levar durante a fuga (em decorrência dos riscos de assaltos aos seus pertences durante a viagem), como ouro, prata, joias e alfaias, tudo aquilo foi organizado e escondido em um determinado lugar próximo a uma das Reduções Jesuíticas. Ao redor do lugar oculto, no qual os padres jesuítas depositaram os objetos valiosos, construíram uma casa de cor branca, a qual não possuía portas nem janelas para que ninguém descobrisse as riquezas escondidas e, conseqüentemente, para que ninguém as saqueasse. Os jesuítas deram tal incumbência ao velho nativo Mbororé de cuidar do local onde estava escondido o tesouro e de revelá-lo e entregá-lo apenas quando os jesuítas retornassem às Missões. Entretanto, os padres nunca mais voltaram aos Sete Povos e, com o decorrer dos anos, o velho nativo faleceu, morrendo consigo o segredo da localização da Casa de Mbororé, a qual contém em seu interior riquezas de valor inestimável.

Em algum lugar próximo das Missões, em um mato densamente fechado, há uma casinha sem portas e janelas, imaculadamente branca, velada pelo espírito do velho nativo, o qual ainda aguarda o retorno dos jesuítas para reaverem os seus tesouros. Lenhadores, caçadores ou mateiros, ao embrenharem-se em um campestre qualquer, avistam a Casa de Mbororé, repleta de fortunas do tempo das Missões. Com o objetivo de possuírem os tesouros lá contidos, marcam bem o local para voltarem com as ferramentas necessárias para abrir à força a estranha casa que não possui portas nem janelas.

Porém, ao retornarem ao local onde enxergaram a tão cobiçada construção, aqueles que a avistaram permanecem perplexos perante o que veem, ou melhor, o que não conseguem mais observar. O esconderijo das riquezas dos jesuítas parece, misteriosamente, desaparecer do local onde estava sem deixar rastros ou pistas. Parece que o espírito de Mbororé continua a proteger os tesouros de sua casa...

Ai, gurizada!!! Essa lenda que a minha tia-avó-borboleta me contou é tão repleta de mistérios e assombrações que me deixou com um pouquinho de medo. Como eu já havia falado para vocês em outro momento, o nosso Rio Grande do Sul é cheio de enigmas: uns decifráveis, outros, nem tanto...

Bueno, gauchinhos, agora que vocês conhecem a lenda da Casa de Mbororé, eu posso descansar um pouquinho e ir para a Casa de Belbellita, lá no jardim onde a minha família-borboleta mora. Porém, os tesouros que vocês poderão encontrar lá são flores douradas como ouro, mel cristalizado como brilhantes e, é claro, o meu amor pela natureza e pelo universo, que é cintilante como o mais puro diamante.

Branca de medo, como a casa de Mbororé, esta sua amiga envia doces beijos.
Bbororé Floreio, a borboleta medrosa.



Buenas, gauchinhos e gauchinhas destes pagos sul-rio-grandenses! Como vocês estão, meus amores? Espero que todos estejam tri empolgados para voar, digo, embarcar em mais uma aventura comigo, a sua companheira também gaúcha e pampeana de sempre, Bel. Não é por acaso que eu estou falando, ou melhor, escrevendo nos ares desse modo, com algumas palavrinhas bem específicas, que somente quem é do Rio Grande do Sul reconhece: hoje vou me aproximar de vocês para charlar um pouquinho mais sobre a nossa querência em comum.

Apesar de vocês viverem sobre a terra, andando por aí, e nós, borboletas, vivermos pelos céus voitando livremente (não há ninguém neste momento que vive nos rios, lagos e oceanos lendo o que escrevo, não é?), posso afirmar com certeza que há muito mais em comum entre nós do que podemos pensar em um primeiro momento. Seja na terra, nos céus ou nas águas, todos nós habitamos o nosso querido Rio Grande do Sul, Estado cujos nativos são chamados de "gaúchos", assim como eu e tu. Eu, Bel Floreio, e toda a minha família, somos nascidos e criados nos céus gaúchos, os quais são os mais azuis e límpidos que eu vi em tooooooda a minha vida de borboleta perambulante. E de vereda vos digo: os céus gaúchos não têm limites!

Pois agora mesmo eu me lembrei de uma história sobre as nossas origens e raízes que uma tia minha solteirona de asas tri coloridas me contou há muito tempo. Nós estávamos repousando sobre um ramo de videira quando ela me disse que os nossos ancestrais-borboleta mais antigos de que temos conhecimento viveram lá nas bandas dos Sete Povos das Missões, juntamente com um dos povos nativos da nossa terra, os guaranis, um dos grupos étnicos que contribuíram para a constituição do nosso povo gaúcho.

A minha tia-borboleta continuou contando que, desde que a nossa família-borboleta surgiu na região missioneira, nós voamos para os céus mais longínquos do nosso Rio Grande do Sul, estabelecendo-nos nas mais diversas querências do nosso pago. Os antigos diziam que aproveitavam as correntes de ar do vento norte e do minuano para conhecerem e também se estabelecerem nos mais diversos lugares: dos pampas à serra, da campanha ao litoral.

E assim a borboletada de bombachas ou de vestido de prenda povoou todo o nosso estado! Tenho certeza absoluta de que, onde quer que vocês estejam, se observarem atentamente, perceberão muitas de nós voando e farfalando por aí com as nossas aveludadas asas multicoloridas, diversidade de cores que revela também as múltiplas origens do povo gaúcho, que foi constituído por diferentes populações: nativos, africanos, europeus, dentre outros povos.

Bem, gurizada, quero dizer que adorei ter compartilhado com vocês um pouquinho mais sobre algumas reflexões minhas em relação ao nosso lugar em comum, à nossa gente (não nos esqueçamos das borboletas, ora essa!). Aliás, borboleta é gente, sim!!!

Abraços alados da sua amiga, gaúcha como vocês,
que ama compartilhar um chimarrão e uma prosa com a gurizada.

Saudações farfalantes, tchê!

BeLbEILiTa FIOreIO ♡



Da Boca do Monte

Olá, queridos amigos! Hoje é um dia muito especial, pois neste nosso encontro eu vou contar para vocês um pouquinho das minhas aventuras que aconteceram na minha última viagem por alguns lugares maravilhosos do nosso estimado Rio Grande do Sul.

Certa vez, eu disse para vocês que eu tenho parentes-borboleta espalhados por todo esse imenso e encantador pampa, vocês se lembram? Pois bem, durante as minhas férias escolares (quem disse que borboletas não estudam também?!), eu resolvi dar um tempo do jardim aqui onde nós moramos e aceitar o convite de uma prima-borboleta minha, chamada Imemboleta, a qual vive e farfala pelos céus de Santa Maria da Boca do Monte.

Imemboleta me seduziu com o seu convite irrecusável de conhecer o coração do Rio Grande do Sul, a sua tão querida Santa Maria. Quando ela me disse que a cidade era o coração do nosso querido estado, eu fiquei com as minhas asinhas multicoloridas farfalantes de alegria e curiosidade, porque apesar de nós, borboletas, não termos um coração assim como o de vocês, nós somos extremamente sentimentais, carinhosas e emotivas [arteiras também!].

E eu, Bel, que não sou boba, aproveitei para aceitar o convite de Imemboleta e ir correndo, digo, voando para o coração do nosso pago... Pois eu peguei a minha malinha, despedi-me da gurizada lá de casa, embarquei em uma corrente de ar de vento norte e me fui, sem pestanejar, encontrar Imemboleta na Boca do Monte.



Toda vez que eu saio céu afora por este Rio Grande de São Pedro, eu busco conhecer as particularidades das cidades, os detalhes que passam despercebidos pela maioria, mas que podem revelar especificidades que são próprias do local. Em alguns desses detalhes podem estar escondidos pequenos segredinhos que fazem toda a diferença para quem está conhecendo o lugar.

Eu preciso confessar que a viagem não foi muito tranquila, pois o vento norte às vezes nos faz perder o equilíbrio em pleno ar, com suas rajadas de vento seco e forte. Mas eu tomei as rédeas do vento, domei-o, como um gaúcho assim o faz com um cavalo arreado, e cavalguei elegantemente no lombo da brisa, apreciando a linda paisagem que os céus gaúchos podem nos proporcionar.



Um pouco antes de eu chegar à cidade, uma curiosidade imensa (vocês sabem que eu sou absurdamente curiosa, não é?) tomou conta de meu ser e eu, em minha intimidade de borboleta farfalante, perguntei-me: “mas por que ‘Boca do Monte’?”. Queria saber o porquê de Santa Maria ser conhecida por esse nomezinho também... Minha prima-borboleta me disse que a mesma pergunta já foi feita por um guri santa-mariense, um tal de Aquilino Centurião Neto...

E pensar em Santa Maria me inspira a admirar as alturas que cobrem a Boca do Monte, regada a céu e a Sol. Que a natureza nunca me negue o Sol, que eu não tenha o que comer nem beber, mas que meu espírito nunca se esvaneça por não sentir o Sol e todo o seu poder em meu íntimo. Ai, gurizada, perdi o fôlego agora... No nosso próximo encontro eu narrarei para vocês a minha chegada à cidade, o meu encontro com a minha prima-borboleta Imemboleta e o porquê de Santa Maria ser conhecida como Santa Maria da Boca do Monte.

Beijos da sua melhor amiga-borboleta!!!

Bel do Monte... ♡

Ooollááá, gurizadilha! Aqui estou eu, Bel, para continuar o nosso habitual bate-papo (com asas, é claro!) sobre as vivências e experiências mais legais e interessantes que uma borboleta pode ter. Em nosso último encontro, eu narrava a minha viagem a Santa Maria da Boca do Monte, cidade de minha prima-borboleta Imemboleta. Parei de contar a minha aventura na parte em que eu estava quase chegando ao meu destino, o coração do nosso Rio Grande do Sul.

Bem, um pouquinho antes de desembarcar da rajada de vento norte que me trouxe até Santa Maria, eu avistei a figura de uma borboleta ao longe, segurando, com suas pequenas e delicadas asinhas, um cartaz com os seguintes dizeres: “SM ~ RS”. Em um primeiro momento, eu não compreendi muito bem o que aquilo queria dizer, mas é claro que, logo em seguida, eu entendi que os dizeres significavam “Santa Maria, coração do Rio Grande do Sul”.



Quando eu tive certeza de que era Imemboleta, minha prima-borboleta, que estava com o cartaz em suas asas, voei com mais velocidade em direção ao seu encontro e a cobri com minhas lindas asas, ou seja, eu a “abracei”, apesar de eu não ter braços.

Assim, Imemboleta me deu as boas-vindas e me levou ao jardim onde ela mora com a sua família-borboleta. Enquanto tomávamos o café da tarde em seu jardim (café adoçado com o mel das mais açucaradas flores da cidade) – com uma mesa farta, repleta de guloseimas tais como bolos de orquídeas, pães de margaridas, sucos de frutas docíssimos, bolachas de rosas, dentre outras delícias que nós, borboletas, a-do-ra-mos –, eu perguntei o porquê de a cidade ser conhecida pela sua relação com a tal “Boca do Monte” e a minha prima-borboleta, como ama a sua cidade e conhece a sua história, explicou-me carinhosamente o seguinte:

– Bel, Santa Maria é também conhecida como Santa Maria da Boca do Monte porque é circundada por montes, situa-se na entrada, na “boca” das montanhas, muito próxima de belíssimas elevações montanhosas que contornam o horizonte da cidade.

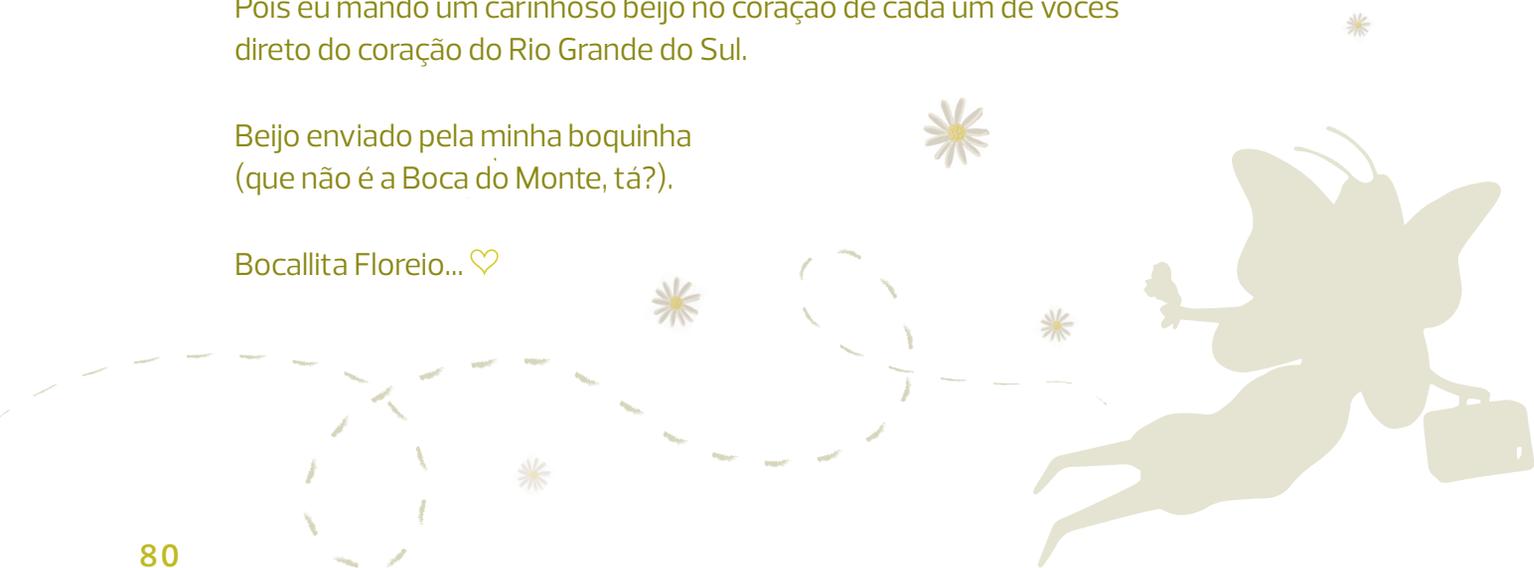
Imemboleta disse que escutou essa história de um guri chamado Aquilino Centurião Neto, ou melhor, “Neto”. Ela e sua família–borboleta vivem no jardim da família de Neto, o qual ficou conhecido como “Neto e a Boca do Monte”... Minha prima–borboleta me contou que ama muito a sua cidade, e que uma das coisas que ela mais gosta de fazer é voar livremente pelos céus do coração do Rio Grande, onde pode farfalar nos campos e também, é claro, bem no alto dos montes da cidade, de onde consegue enxergar mmmuuuuiitttoo longe, ao observar as paisagens mais lindas em seus sobrevoos de borboleta arteira que é.

E, no mesmo dia em que euzinha cheguei à cidade, a tnhosa da Imemboleta me levou para passear pelos lugares mais legais e fantásticos da Boca do Monte, ao se mostrar uma perfeita anfitriã–borboleta. Bem, pessoal, agora vou me despedir de vocês e me aninhar confortavelmente em um lindo jardim re–ple–to de flores extraordinariamente perfumadas e doces. Jardim a céu aberto. Céu imenso, profundo, anil... E pensar que nem todos os pensamentos, nem todas as explicações, nem todas as justificativas caberiam na profundidade dos céus... Céus povoados por seres angelicais como eu, borboleta gauchesca que sou. Pensando bem, há um quê angelical presente em todas as borboletas – e nas crianças também, é claro! Há, como eu já mencionei em um de nossos bate–papos, um pouquinho de anjo em cada um desses seres farfalantes que rasgam delicadamente os céus com suas delicadas e coloridas asas...

Pois eu mando um carinhoso beijo no coração de cada um de vocês
direto do coração do Rio Grande do Sul.

Beijo enviado pela minha boquinha
(que não é a Boca do Monte, tá?).

Bocallita Floreio... ♡



Eu, Belbellita Floreio, quero continuar a narrar as aventuras vividas por mim e por minha prima-borboleta Imemboleta em Santa Maria da Boca do Monte. Eu adorei visitar a minha querida prima e conhecer o pulsante coração do Rio Grande do Sul. Foram emoções únicas as que eu senti em tal cidade: foram inesquecíveis!! Bem, certo dia, durante um passeio pela Boca do Monte, eu indaguei a origem do nome da minha prima, por eu perceber que "Imemboleta" não é um nome tão comum assim (não que "Belbellita" seja, mas tudo bem...).

Para minha surpresa, a prima-borboleta me disse que seu nome era a mistura de "Imembuí" com "borboleta", e que era uma referência à lenda de Imembuí, que, é claro, eu vou contar para vocês agora-agora-agora mesmo. E aí vamos nós!!!

Diz a lenda que, em uma tribo dos minuanos, grupo de nativos que habitava as margens do riacho itaimbé, havia Imembuí, nativa de rara e exótica beleza, que possuía lindos cabelos negros e lisos e olhos oblíquos encantadores. Imembuí era uma jovem nativa estimada por todos os minuanos, e também despertava o interesse dos nativos das tribos vizinhas.

O seu nome significa "filha das águas", pois Imembuí nasceu enquanto sua mãe, Yboquitã, se banhava no riacho itaimbé. Um jovem nativo da tribo dos tapes, Acangatu, o qual habitava a outra margem do riacho, ao ver a graciosidade de Imembuí, por ela se apaixonou e, para conquistá-la, todos os dias trazia-lhe uma caça das matas, ao demonstrar coragem e intrepidez. Imembuí, entretanto, não sentia o mesmo por Acangatu. O nativo, decepcionado, embrenhou-se nas matas também nativas e ninguém mais o viu na aldeia. Bandeirantes que nessa época regressavam de Colônia do Sacramento, em meados do século XVII, ao levarem provisões à Guarnição Portuguesa, avistaram ao longe a aldeia dos minuanos e pensaram em subjugar-los e levá-los como escravos para São Paulo.

Ao atacarem a aldeia, entretanto, surpreenderam-se com o número de nativos e com sua bravura guerreira. Os bandeirantes, então, foram dizimados pelas forças nativas ao serem aprisionados e mortos. Um prisioneiro bandeirante português, de nome Rodrigo, no cativeiro, ao aguardar a morte em decorrência do aprisionamento de guerra, tocava docemente uma música com seu instrumento musical, ao entoar melodias que cantavam a saudade de sua terra e choravam pelo seu triste destino.

Imembuí, ao escutar a melodia entoada por Rodrigo, comoveu-se e apaixonou-se pelo bandeirante, seduzida pelo seu canto e pela sua beleza. Imembuí, comovida e abalada pela sentença cruel que aguardava Rodrigo, suplicou ao seu pai, o cacique Apacani, para que poupasse a vida de seu amado. O cacique, apesar de contrariado, atendeu o desejo da amada filha e libertou Rodrigo do cativo de guerra.

Ai, gurizada, eu acho que eu me empolguei um pouquinho ao narrar a lenda de Imembuí, a qual conta a origem de Santa Maria da Boca do Monte e cansei as minhas asinhas. Mas não se preocupem, pois em nosso próximo encontro eu continuarei a imprevisível história que a minha prima-borboleta Imemboleta me contou.

Não percam, meus anjos!

Da far(falante) amiga BeLbEILiTa FIOREiO...



Bem, gauchinhos, eu dispensei apresentações, não é mesmo? Não que eu seja famosa, mas depois de ttttaannntttoo tempo farfalando pela Boca do Monte, é de se esperar que, pelo menos, o nomezinho "Belbellita Floreio" não cause tanta estranheza assim, não é??? Já faz tanto tempo que nos encontramos para o nosso tradicional bate-papo sobre os assuntos mais incríveis que eu me sinto íntima de cada um de vocês: sou uma amiga-borboleta familiar para todos aqueles que fazem parte dessa aventura.

Como eu estava narrando em nosso último encontro farfalante, a lenda de Imembuí, que conta a origem de Santa Maria da Boca do Monte, inspirou minha tia-borboleta, mãe de Imemboleta, a denominá-la com tal nome. Mas deixem-me continuar a narrar a lenda de Imembuí..

Após ser libertado do cativo de guerra, o bandeirante Rodrigo uniu-se em laços de matrimônio com Imembuí, de acordo com os rituais nativos. Rodrigo, então, passou a chamar-se Morotin.

Como fruto da união de amor de ambos, nasceu o filho do casal, de nome José.

BELBELLITA, A BORBOLETA GAUCHESCA (XXIX)

O guri, ao crescer, começou a explorar as matas das cercanias, as quais desbravava com coragem e intrepidez. Apesar das advertências de Imembuí, José embrenhou-se na mata fechada para caçar e se perdeu. Depois de muito caminhar na densa e inóspita mata, José chegou às margens de um riacho, ao encontrar um nativo que o acolheu e o cuidou, ao perceber que o guri havia se perdido.

Ao contar a sua história ao nativo que habitava solitário aqueles pagos esquecidos por todos, José foi conduzido pelo homem são e salvo de volta à sua tribo, para a alegria de seus pais Imembuí e Morotin, os quais estavam desesperados com o seu sumiço. Os pais de José agradeceram imensamente pelo nativo ter salvo e conduzido em segurança o seu filho de volta à tribo e, para espanto de Imembuí, o homem era Acangatu, o seu antigo admirador, que já havia se curado da dor de sua paixão não correspondida. Assim, de acordo com tal lenda, Santa Maria da Boca do Monte originou-se da união dos laços de amor entre uma nativa, Imembuí, e Morotin (Rodrigo), um branco, às margens do riacho Itaimbé, cujos descendentes povoaram a cidade que viria a ser o coração do Rio Grande do Sul.

Uuufffaaa! Por fim eu terminei de contar para vocês a lenda de Imembuí, nativa cujo nome serviu de inspiração para que a minha tia-borboleta denominasse a minha prima-borboleta com tal nome (Imembuí + borboleta = Imemboleta). Uma justa homenagem à cidade que é o coração do Rio Grande do Sul, Santa Maria da Boca do Monte. E a borboleta santa-mariense mais linda de todas, Imemboleta, sabe honrar o seu exótico, porém significativo nome, o qual carrega em si história e identidade, memória e significado. Ai, gurizada, agora eu vou lá para o jardim de Imemboleta espichar as minhas asinhas, pois estou tri cansada. Jardim de Imemboleta, mas também de Aquilino Centurião Neto, ou melhor, "Neto"... Quero beijar uma flor bem docinha, ao jantar com minha prima-borboleta e, por fim, dormir e descansar bastante, pois o dia foi bem "voado", para não dizer "corrido".

Até o nosso próximo encontro!

Vocês estão sempre na boca do monte do meu coração!

Belbereio Flollita, digo, Belbellita Floreio.



De minhas asinhas de borboleta sapeca e arteira, muitas histórias foram narradas sobre a Boca do Monte, não é, gurizada? Conhecer Santa Maria, coração do Rio Grande do Sul, é sentir no peito o coração arquejante do gaúcho. Pois eu e a minha prima-borboleta santa-mariense Imemboleta não paramos de zanzar pelos ares da cidade, nem mesmo por um minutinho, pois queríamos desfrutar ao máximo dos lindos e emocionantes momentos que passamos juntas. E, durante um desses passeios pelos céus de Santa Maria, Imemboleta me contou que havia escutado, quase por acaso, duas de suas colegas-borboleta de escola conversarem sobre a tal denominação "Boca do Monte", sobrenome que acompanha o nomezinho de Santa Maria.

Imemboleta me disse que ouviu as gurias-borboleta falarem que "Boca do Monte" vem do tupi-guarani, pois quando os espanhóis chegaram nesta região, ouviram os nativos denominarem este lugar de cayura (caa, "mata"; yura, "boca, entrada"). Assim, portanto, os espanhóis traduziram para o seu idioma a expressão nativa como "Boca del Monte". Os portugueses, por sua vez, ao escutar os espanhóis, traduziram por "Boca do Monte", o que poderia muito bem significar "Boca do Mato", pois "monte", em espanhol, quer dizer lugar de mata, mesmo sendo em local plano e baixo, além do entendimento de significar montanhas e elevações de montes. Quando os nativos, vindos do pampa, avistavam as montanhas com mata que cortavam os céus desta região, exclamavam "cayura!", ou seja, "o início da mata".

Adorei escutar essa outra história sobre Santa Maria que a minha prima-borboleta me contou. Ela me disse ainda que um dos primeiros nomes da cidade foi "Capela do Acampamento de Santa Maria da Boca do Monte". Como eu disse para Imemboleta, eu achei um nome tttããooo comprido quanto a própria Rua do Acampamento... Ufa! Que aventura, hein, gurizada?!

Pois eu penso que é preciso conhecermos a história do lugar onde vivemos para valorizarmos a nossa cidade e sermos, conseqüentemente, cidadãos e cidadãs (mesmo se forem cidadãos-borboleta, tá?!) mais conscientes sobre a nossa responsabilidade de transformarmos, por meio de nossas ações, a nossa cidade em um lugar melhor para vivermos.

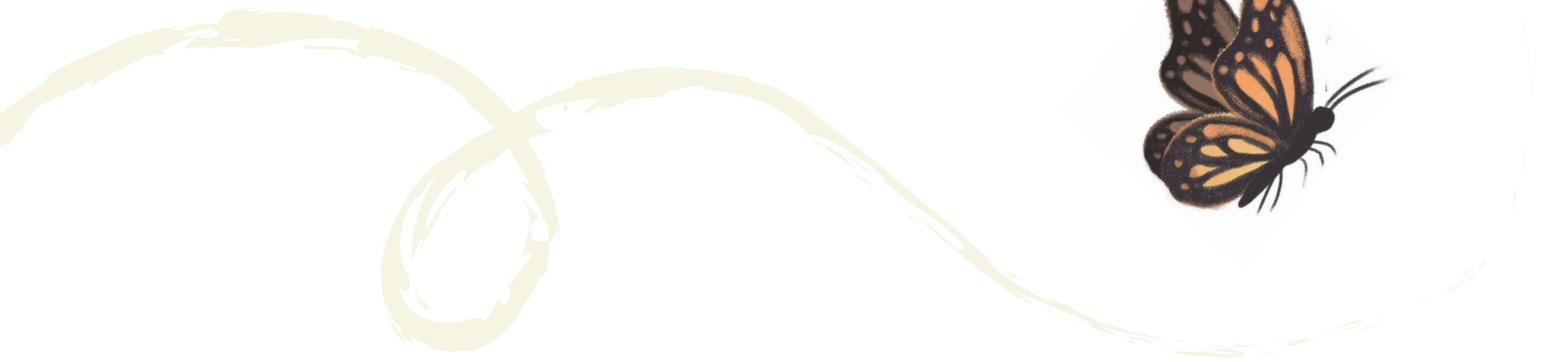
E é claro que devemos conhecer e valorizar a história de cada um de nós (consequentemente a história de nossa cidade), porque, como diz a minha avó-borboleta Nonnilda, "quem não sabe de onde veio, não sabe para onde vai". E é por isso que eu gosto muito de conhecer a história (e as histórias, no plural) deste nosso pago, galerinha!!! E, é óbvio, amo também narrá-las para os meus queridos amigos e amigas – borboletas ou não. Porque as minhas asinhas de borboleta tnhosa que sou não param de farfalar nem por um único momento!!! Gu-ri-za-da... Eu me inspirei com os incríveis sobrevoos sobre essa cidade tão linda que o meu lado poético aflorou (você sabem que às vezes eu me inspiro e a Bel poeta se manifesta). Ao serpentear os céus santa-marienses "SM RS", farfalei sem temer pelos ares, ao escrever o seguinte:

*Santa Maria,
Coração do Rio Grande do Sul.
Se em meu peito estás,
Há um coração gaúcho dentro de mim...
E a Boca do Monte grita sem cessar:
Céu anil, azul*

Agora me despeço de vocês, meus amores, direto da cayura, digo, da Boca do Monte, de Santa Maria, do coração do Rio Grande do Sul. Por falar (escrever) em coração, beijos (e)ternos e açucarados da amiga-borboleta direto no coraçãozinho de cada um de vocês!!!



Lê-se: "eu amo vocês!!!!"



Excertos exegeticos

“Visentini é mais que uma promessa da literatura santa-mariense e nacional: é uma excelente realidade, que nos ajuda a entender a importância da escritura, do sonho e da invenção literária. A presente obra é uma viagem lúdica pelo mundo dos animais e das paisagens do Rio Grande do Sul, com suas belezas naturais, campos e planícies. O destaque que Visentini dá a Santa Maria, a nossa querida Santa Maria da Boca do Monte, com sua paisagem deslumbrante, seus jovens estudantes em permanente ir e vir na busca de conhecimento, é emocionante. Visentini não me surpreende, pois apenas confirma a qualidade cultural de escritor de grande valor a que estamos acostumados”.

– João Marcos Adede Y Castro

“Belbellita, a borboleta gauchesca entrega às crianças uma obra de literatura infantil repleta de ludicidade e profundidade com as emoções, a partir do olhar de Bel, que se apresenta com delicadeza e generosidade, ao relatar sobre sua vida, seu lar, família, experiências e sua difícil jornada para transformação em borboleta e para bater asas e voar. Esta obra primorosa também possibilita às crianças um processo educativo sobre cidades do Rio Grande do Sul, lendas do folclore gaúcho, natureza (estações do ano), união, fraternidade e afetividade (abraços). O autor demonstra propriedade e cuidado com a infância e contextos educativos relevantes para a formação dos pequenos. Assim como em Neto e a Boca do Monte, as crianças são apresentadas com mais uma obra de riquíssimo conteúdo educativo e lúdico, fundamental para uma futura vida adulta saudável”.

– Valmôr Scott Jr.

“Visentini escreve bem ideias profundas. Nunca ‘por acaso’ ou ‘ao acaso’, porque, ao escrever, revela fatias de seu próprio ser... alma leve de mente arguta. Como ele mesmo afirma, tem muitos homens dentro de si. Por isso, produz textos surpreendentes, em todos os níveis e em todas as direções. Nestas páginas, transmudou-se em Belbellita e acreditou poder voar livre do cerceio social. Assim, produziu uma obra singular, usando estratégias literárias incomuns. O autor se esparrama pelo texto, como se estivesse voando literariamente; brinca com as palavras tradicionais e inventa outras, em estilo inconfundível. Conteúdo didático-pedagógico excelente, que possibilita conhecer melhor as lendas gaúchas, integradas num todo ético e poético”.

– **Elisa e Mário Tessari**

“História envolvente do início ao fim. Altamente instrutiva e de extrema criatividade. Cada capítulo é um aprendizado. O livro todo é um convite para a reflexão sobre o viver e conviver”.

– **Maria Aparecida Azzolin**

“O livro traz momentos de puro encanto entre Belbellita e sua família, mostrando que viajar pelos ares pode ser também um momento de encontros e reencontros; nos ensina a admirar o que o céu nos mostra abaixo dele; e vai além... Nos passeios e devaneios de uma borboleta, o autor nos leva a conhecer as estações do ano. É possível sentir calor e frio, aspirar o odor das mais belas flores e observar o “voo” das folhas no outono... Tudo no elevado mundo da imaginação. E depois de nos ensinar a arte da feliz convivência em diferentes estações, nos faz viajar pelo nosso pago, de cultura tão linda quanto diversa... Verdadeiro continente de vivências, com dimensões inimagináveis... É um livro para lermos com asas de quem pode voar na imaginação...É leve como as asas da protagonista e intenso como o conhecimento do autor”.

– **Valmir Beltrame**

“A protagonista é uma amável Borboleta, chamada Belbellita, que de forma alegre e sábia, em suas viagens, organizadas em forma de encontros na obra, explora, criativamente, diferentes temáticas, adentrando em aspectos relacionados com a História e a Geografia do Rio Grande do Sul. Além dos conteúdos, os aspectos psicológicos da Borboleta poderão encantar e motivar o leitor no decorrer da leitura, tornando a experiência com o livro mais agradável”.

– **Danilo Ribas Barbiero**

“Belbellita, a borboleta gauchesca atua com força e imaginação criadora por meio da personagensím-bolo da borboleta, e isso se junta a aspectos que envolvem o tempo marcado por fases evolutivas como a cronologia rápida da transformação desse tempo. Utiliza-se de linguagem colorida com vivacidade e originalidade em seu contexto literário de criação. Certamente, a temática-personagem Belbellita, em seus giros ao redor da liberdade e da transformação de seu tempo, encantarà o leitorcriança, e o levará a voar no universo das borboletas, e a se debruçar na leitura envolvida pelo seu terno apego admirável ao afeto humanista tão bem reverenciado pela força do abraço”.

– **Selma Nanci Feltrin**

“O autor convida-nos a uma prazerosa viagem narrativa interdisciplinar e transdisciplinar, pois criativamente a imaginação empolgante leva o leitor a voar longe, permitindo inúmeras ressignificações. Mobiliza a fantasia, narrando, criando e inovando delicadas lições de ética e de estética, e motivando a “voar”, isto é, a viver, a criar, a imaginar, a andar, a desbravar... pelos céus, terra e mar e, com isso, vai ressignificando sua visão de mundo, de vida, de sonhos, de esperanças, de utopia... Visentini merece reconhecimento e publicação desta obra magnífica, permitindo que Belbellita: a borboleta gauchesca possa voar em diferentes espaços, tempos, lugares possibilitando a todos os leitores voarem e estimularem novos voos, buscando a sensação de liberdade, fraternidade, igualdade que existe em todos os seres humanos”.

– **Lorena Inês Peterini Marquezan**

Lucas Visentini, sempre ele. Não para quieto. Sabem aquela expressão, “Que interessante”?

Pois é, essa expressão, geralmente, não quer dizer nada. Não é para ser usada em relação à Belbellita: a borboleta gauchesca, esse generoso, sensível e delicado livro que o(a) leitor(a) agora tem em mãos. Diga-se que generoso, sensível e delicado são qualidades que o Lucas não foi buscar em lugar nenhum para colocar no livro. Não. O Lucas apenas colocou aqui nessas páginas um pouco do que ele é: uma pessoa generosa, sensível e delicada. Mas não se enganem, leitores e leitoras. O Lucas tem o que dizer. E diz. Ah! E como diz! Quem o conhece um pouco sabe. Bom mesmo é que o Lucas diz o que precisa dizer sem perder a generosidade, a sensibilidade e a delicadeza. Aí reside sua força.

Uma força que não machuca, que não agride, que não ofende. A força do Lucas e do seu livro Belbellita: a borboleta gauchesca, está no abraço gostoso com o qual o(a) leitor(a) é envolvido quando decide saltar para dentro do livro – como diria Monteiro Lobato. Assim como as borboletas não sobrevivem em ambientes poluídos, pois são muito delicadas e frágeis, esse livro do Lucas é mais um alento chamando nossa atenção para a necessidade de não deixarmos a poluição desses tempos sombrios acabar com os livros. Já disse um poeta latino-americano que os livros são como cidades feitas de letras.

Assim como mudam as cidades a cada viajante, mudam, também, os livros a cada leitura.

-Valdo Barcelos

Sobre o autor



Lucas Visentini é Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Educação (UFSM), Especialista em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), Licenciado em Pedagogia (UFSM) e Bacharel em Ciências Contábeis (UFSM). Pesquisador integrante do GPKOSMOS/UFSM (Grupo de Pesquisa sobre Educação Digital e Redes de formação), do KITANDA/UFSM (Educação e Intercultura) e do G-DEV/UFPEL (Direito, Educação e Vulnerabilidade). Professor da MUST University. Professor, pesquisador, escritor e editor.

Obras do autor:

Neto e a Boca do Monte (Academia Santa-Mariense de Letras)

Da Desfaçatez das Palavras (Editora e Gráfica Caxias)

Céu, Sol e Mar: a travessia (Edição do Autor)

Sobre a ilustradora



Alana Garlet Barbieri é graduanda do curso de Design na Universidade Franciscana (UFN) e do curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Possui diversas experiências na área da ilustração infantil, desenho, pintura, diagramação, design gráfico, fotografia, edição de vídeo, entre outros projetos. Em seu processo criativo procura explorar diversos suportes, combinando técnicas tradicionais e digitais em busca de novas possibilidades.

“Participar como ilustradora e diagramadora do livro “Belbellita: A Borboleta Gauchesca” foi uma experiência verdadeiramente gratificante. Foi um desafio enriquecedor dar vida às ilustrações que acompanham essa narrativa tão delicada e inspiradora. Belbellita é um presente para leitores de todas as idades. Lucas Visentini, parabéns por sua capacidade singular de transportar os leitores para um mundo de encanto e conhecimento. Grata por fazer parte desse projeto que enriquece o mundo da literatura infantil.”

Seria possível uma borboleta falar? E escrever?

E, além disso, compartilhar conosco as suas aventuras pelos céus azuis deste nosso Rio Grande do Sul? Em Belbellita, a borboleta gauchesca, as possibilidades da imaginação e do sonho ganham asas e, quase sem percebermos, somos levados a experimentar as peraltices de Belbellita Floreio, borboletinha gaúcha que chama atenção pela originalidade e profundidade de seu ser.

As narrativas de Bel (como ela prefere ser chamada) estão organizadas em quatro partes, a seguir brevemente apresentadas, ao totalizar trinta singulares encontros que nos fazem viajar nas asas coloridas de uma borboleta que, com muitos outros personagens igualmente interessantes, desbrava os céus gaúchos sob uma perspectiva única, de ser colorido e volitante que é.

Com linguagem particular, própria do gentílico do Continente de São Pedro, a nossa personagem nos encanta e fascina com a sua amorosidade de borboleta gauchesca, ao fazer com que nos identifiquemos imediatamente com sua identidade de borboleta pampeana que é.

Desfrutemos, pois, da companhia de Belbellita Floreio, a qual fascina todos aqueles que a leem volitando pelos céus azuis deste nosso querido Rio Grande do Sul, terra de estória(s), história(s), memória(s) e sonho(s).